UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CRISTIANE VILMA DE MELO

COM O DIABO NA PELE: A ASSOCIAÇÃO ENTRE A BODY MODIFICATION E A IMAGEM DO DIABO.

São Carlos

2017

CRISTIANE VILMA DE MELO

COM O DIABO NA PELE: A ASSOCIAÇÃO ENTRE A BODY MODIFICATION E A IMAGEM DO DIABO

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).
Área de concentração: Sociologia
Orientador: Prof. Dr. Jorge Leite Jr.

São Carlos

2017

CRISTIANE VILMA DE MELO

COM O DIABO NA PELE: A ASSOCIAÇÃO ENTRE A BODY MODIFICATION E A IMAGEM DO DIABO

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).
Área de concentração: Sociologia
Orientador: Prof. Dr. Jorge Leite Jr.

Data de defesa: 10/02/2017
Resultado:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge Leite Jr.
Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo
Universidade Federal de São Carlos

São Carlos

2017

Dedico esse trabalho *in memoriam* da minha avó, Aparecida Pereira, mulher, negra e analfabeta. Uma lutadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, aos meus pais por todo apoio estrutural e pela confiança na minha formação acadêmica, e ao meu companheiro Evandro por estar sempre comigo. Agradeço a minha família que reside em São Paulo, por todo apoio e estadia em todas as vezes que realizei pesquisa de campo.

Agradeço xs meus companheirxs da turma “012” de Ciências Sociais da UFSCar, principalmente ao Dionys e a Bia Schwenck por dedicarem uma parte de suas vivências para me apoiarem, tanto academicamente quanto emocionalmente, e, por se tornarem amigos essenciais nessa jornada. Agradeço ao meu orientador Professor Dr. Jorge Leite Jr por todo apoio e por aceitar me orientar nessa caminhada “diabólica”.

Agradeço aos meus professores de curso que de alguma forma puderam acrescentar ao meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por me conceber a bolsa de iniciação cientifica, essencial ao desenvolvimento da pesquisa que deu origem a esse trabalho de conclusão de curso, e por me dar suporte para meu desenvolvimento como pesquisadora.

Por último, agradeço xs meus interlocutorxs de pesquisa que foram imprescindíveis para que esse trabalho se realizasse da forma que foi proposto, principalmente à Kahkilla, T Angel e Du, pessoas incríveis que me acrescentaram muito, não só referente a essa pesquisa acadêmica mas a um conhecimento geral sobre nossos corpos e a sociedade e, por se tornarem amigos e estarem junto comigo para o desenvolvimento de novos passos referente a pesquisa sobre modificação corporal. Salve Diabos Mutantes!

RESUMO

Esse trabalho teve por finalidade compreender o discurso que associa algumas práticas de *body modification* com a imagem do Diabo. Através de um imaginário diabólico construído por perspectivas religiosas cristãs conservadoras, pretendeu-se descrever como esse imaginário se constituiu e se perpetuou em nossa sociedade, levando nos casos dos corpos modificados a percepção daquilo que está na imaginação para o observável, objetivo e tátil. Ao associar a imagem diabólica a um corpo que difere daquilo que a sociedade "espera" esses corpos muitas vezes são retirados da categoria de Humano e fixados em uma zona nebulosa que chega, no limite, a ser associado ao maligno. Para compreender como essa associação acontece, foram realizadas entrevistas com um grupo de pessoas que fazem parte do universo da *body modification*, buscando entender como a noção de Diabo está presente nesse campo e até que ponto essa noção é apreendida e (in)corporada nesse campo e, a partir disso, tornar inteligível como é possível a ocorrência da associação entre o corpo modificado e o corpo diabólico.

Palavras chave: *body modification*, Diabo, significados.

ABSTRACT

This work aimed to understand the discourse that associates some practices of body modification with the image of the Devil. Through a devilish imagery constructed by conservative Christian religious perspectives, it was intended to describe how this imaginary was constituted and perpetuated in our society, taking in the cases of modified bodies the perception of what is in the imagination for the observable, objective and tactile. By associating the diabolical image with a body that differs from what society "expects" these bodies are often removed from the category of Human and fixed in a nebulous zone that reaches, in the limit, to be associated with the evil one. To understand how this association happens, interviews were conducted with a group of people who are part of the body modification universe, trying to understand how the notion of Devil is present in this field and to what extent this notion is apprehended and (in)embodied in this field And from this, to make intelligible how is possible the occurrence of the association between the modified body and the diabolical body.

Keywords: body modification, Devil, meanings

SUMÁRIO

1. Introdução.....9
2. Religião e estruturação da categoria diabo.....14
3. Discurso e construção de enunciados de verdade.....18
4. A representação e construção do imaginário diabólico..... .21
5. A Bod Mod..... 32
   5.1 Os Modernos Primitivos..... 34
   5.2 Os Diabos Mutantes..... 39
      5.2.1 “Se eu tivesse visto sua cara cheia de furo teria falado com você”.....49
6. Considerações Finais 52
7. Apêndice.....55
8. Referências Bibliográficas.....67

1. Introdução

Devo salientar primeiramente que o presente trabalho tem caráter bibliográfico e etnográfico, desde os acontecimentos que me levaram ao questionamento para desenvolver a projeto e posterior pesquisa à consolidação da minha presença em campo e os desdobramentos que o campo me proporcionou. O principal aqui é colocar em primeiro plano o discurso nativo, as considerações das pessoas que estão dentro do campo da modificação corporal e que recebem uma associação negativa ao serem assimiladas a um imaginário diabólico, mas que puderam absorver e resignificar, em sua própria pele, essa categoria de modo que ela pudesse representar as especificidades positivas do corpo modificado.

Novamente, devo esclarecer que esse trabalho não toma o diabo em sua existência física ou moral, mas sim de uma perspectiva que o tire de sua realidade objetiva pois, quero compreender como e por que o discurso que é dito em seu nome aloca corporalidades em um gradiente de poder. Os conceitos utilizados nesse trabalho como o de imaginário e representação nos permite compreender o valor que os indivíduos atribuem ao diabo sem necessariamente ter que entrar no mérito de sua "existência". Há uma realidade da corporalidade diabólica, criada socialmente que é representada no imaginário, ou esteticamente e que, caso aqui compreendido, essa realidade é observada e fixada no corpo modificado. "O diabo e seus demônios não existem como realidade objetiva nem subjetiva, mas são construídos historicamente a partir de discursos e práticas." (OLIVA, 2007:243)

A expressão "corpo modificado" nos parece à primeira vista familiar, visto que vivemos em uma sociedade em que a grande maioria das pessoas modificam seu próprio corpo das formas mais comuns e cotidianas, como cortar as unhas e cabelos, depilações, mudanças estéticas, lipoaspiração, colocação de silicones, aplicação de botox e etc. Essas formas de modificar o corpo já estão tão inseridas na vida em sociedade que não causam espanto ou qualquer forma de estigmatização por parte da maioria das pessoas; são modificações convencionais, no sentido de que são consolidadas pela prática e absorvidas de forma "naturalizada" pois já possuem uma regularidade na vida social.

Em um primeiro momento somos levados a imaginar que outras formas de modificar o corpo seriam inseridas nessa lógica regular e consolidada, mas quando nos deparamos com modificações corporais que não seguem um padrão de estética hegemônico em nossa sociedade podemos observar de imediato uma reação de recusa, um ataque de insultos e de não aceitação de uma forma de corporalidade que difira da "esperada". Essas modificações *"pouco*

convencionais" (Braz, 2006:26) que contrariam os padrões estéticos aceitos e reproduzidos socialmente fazem parte do universo da *body modification,* um conjunto das mais variadas formas e técnicas para se obter contornos plurais do corpo (Pires, 2009:240) e que existem em sociedade há anos, desde as sociedades tracionais até a contemporaneidade, e são essas modificações o objeto principal de analise dessa pesquisa.

Escarificação[1], implantes subcutâneos[2], *eyeball tatto*[3], suspensão corporal[4] e bifurcação de língua[5], são as práticas abordadas nesse trabalho, pois, mesmo dentro do universo da modificação corporal elas são consideradas extremas, saem da perspectiva de consumo e de mercado e são exercidas por poucos profissionais, além de serem consideradas no discurso social corrente como exercício ilegal da medicina, termo que apareceu muito em campo e será objeto de análise de uma próxima pesquisa. Ao fazer uma busca em qualquer mecanismo de pesquisa na internet é possível encontrar várias reportagens que falam sobre eventos de modificação corporal, pessoas modificadas, grandes referencias nacionais e internacionais do meio das modificações abordadas aqui e, em todas elas podemos observar um discurso leviano, baseado na ideia de esquisitice e com uso de termos estigmatizantes, além da abordagem midiática muito tendenciosa. Esse tratamento fica mais explícito ao lermos os comentários dos mais variados meios de comunicação online: *diabo, demônio, coisa ruim, satanás,* são os termos mais corriqueiros ao observarmos a abordagem referida a essas práticas.

Sempre tive muito interesse por essas modificações corporais, acompanho blogs, informativos que falem sobre as novidades e eventos das práticas e sempre me deparei com os mais variados insultos de pessoas que não as apreciam, mas sempre estão ali para colocar os modificados como seres não humanos, como encarnação do diabo. Esse fato, o contraste entre

---

[1] Escarificação é uma técnica em que são realizadas pequenas incisões (cortes) sobre a pele de maneira que a cicatrização pós incisão forme o "desenho" escolhido.

[2] Implantes subcutâneos são peças, de silicone ou outros materiais, inseridas abaixo da pele gerando um relevo que dá uma aparência tridimensional quando comparada à outras técnicas corporais como a tatuagem e o *piercing.*

[3] *Eyeball tatto* é uma método utilizado para tatuar a esclera do olho, também conhecida popularmente como "branco do olho", esse tecido fibroso externo é pigmentado dando uma nova aparência ao olhar, colorindo a parte branca do olho humano.

[4] Suspensão Corporal é o ato de suspender o corpo humano por meio de ganchos de aço que são passados através de perfurações na pele, essas perfurações são temporárias, realizadas momento antes da suspensão ocorrer e deve ser feita por profissionais da área.

[5] Bifurcação de língua é uma modificação corporal que consiste em seccionar a ponta da língua, dividindo-a em duas partes.

a aceitação frente as modificações “convencionais” e sua associação a uma imagem demoníaca frente as modificação “não convencionais” ou “extremas”, me despertou uma imensa vontade de compreender a lógica que associa o corpo modificado a uma corporalidade maligna, diabólica e não humana.

Dois acontecimentos devem ser relatados que me possibilitaram perceber que essa associação estava muito presente em toda a sociedade de uma forma não discutida, silenciosa e introjetada e que deveria ser objeto de análise por estar imersa nas representações sociais e seguir uma regularidade. Existe uma absorção quase que geral de um imaginário diabólico, uma consistência e regra observada na forma como as pessoas imaginam e representam a corporalidade do personagem religioso, o diabo, porém, não se questiona de que maneira se pode ocorrer uma associação de uma pessoa a um corpo nunca visto, apenas imaginado. Primeiro momento a ser relatado: há uma série produzida pelo canal americano *National Geographic (Nat Geo),* chamada *Taboo*, onde é apresentada uma variedade de assuntos que são visto pela sociedade como um tabu, algo que é “proibido” pelo costume social, uma interdição referente a determinados usos, comportamentos e etc. e, sua abordagem se refere a uma grande gama de temas que perpassam pelo corpo, ritual, formas de se relacionar e, em um de seus episódios (chamado Corpos Transformados) podemos observar entrevistas com vários adeptos das modificações corporais. Entre os entrevistados está Caim, um colombiano que quer se parecer com o Diabo:

> *Emilio Gonzalez (modificador): “Esse rapaz que diz se chamar Caim me procurou a muito tempo, e ai ele falou “quero ficar parecido com o diabo” e eu disse,* ***olha eu não sei qual é a imagem do diabo, é que eu nunca o vi****, me descreve então mais o menos como é o diabo pra você, e o que ele mais o menos desenhou foi o que eu fiz nele e, se o diabo existe, é muito parecido com o Caim (risos).* (Grifos meu)

Podemos observar na fala de Emilio Gonzalez, um dos modificadores mais respeitados na América Latina, um questionamento quanto a aparência do diabo: como poderia ele realizar uma modificação baseada em uma corporalidade da qual ele nunca viu? Ao ver esse episódio pude perceber que meu questionamento não estava imerso apenas em minha consciência, como já vinha observando em certos insultos nos comentários de notícias sobre o assunto. Ver uma pessoa da modificação corporal elucidar a mesma questão me fez perceber a pertinência e atualidade desse tema.

A partir dos comentários das mais diversas pessoas e das notícias e reportagens que pude levantar em pesquisas online em momentos distintos, me pareceu muito firme e consolidada a

imagem do diabo que tais pessoas tinham em mente ao associar determinadas formas de modificar o corpo a essa corporalidade diabólica. O diabo como o maior personagem do mal no cristianismo teria uma função negativa ao ser associado, materializado em um corpo, no sentido de o corpo modificado representar, para quem o associa, sua encarnação na terra. Como grande parte das pessoas não veem no diabo algo positivo, essa associação só teria à primeira vista função negativa. Disso resulta o segundo momento a ser relatado: ao pesquisar grupos de modificação e suspensão corporal encontrei logo em primeiro plano um com o nome que coube perfeitamente a essa pesquisa: os *Diabos Mutantes,* um grupo paulistano que a primeira vista me pareceu significar a categoria de diabo de outra maneira - afinal ninguém reafirmaria o seu próprio grupo com uma denominação que poderia ser negativa. Entrar em contato com esse grupo seria fundamental para o desenvolvimento desse projeto.

Dada essa curta exposição onde busquei elucidar as questões e os momentos que me proporcionaram elaborar meu objeto de análise e os questionamentos pertinentes a ele, falarei brevemente de como será estruturado esse trabalho de modo a seguir um sequencia coerente as considerações teóricas e aos dados observados e colhidos em campo. Busco primeiramente mostrar como a Religião, algo *eminentemente* social, (Durkheim, 1983:227) cria categorias que perpassam todo o corpo da sociedade e atingem uma multiplicidade de indivíduos, mesmo aqueles que não se consideram religiosos mas vivem em uma sociedade estruturada em preceitos e relações de bases religiosas. Tais categorias seguem rígidas e se reproduzem pela sociedade criando discursos de base religiosa cristã como os observados para associar o corpo modificado a imagem diabólica. Existe uma articulação entre religião e discurso, entendido como uma construção histórica (Foucault, 1996), que não requer que o diabo possua uma realidade objetiva, mas sim produz essa "realidade" através de uma confluência entre discursos e práticas que constroem sua corporalidade e materialidade no plano social. A base teórica utilizada na discussão entre religião e discurso se apoia nos trabalhos de Emile Durkheim[6] (1912) para discutir a religião e Michel Foucault (1970) para discutir o discurso.

A segunda parte da discussão será centrada na bibliografia sobre a construção do imaginário diabólico no decorrer da história, como sua imagem se consolidou e se solidificou

[6] No campo das ciências sociais é bastante discutido os problemas na teoria de Durkheim onde o autor tende a universalização de toda a sociedade a partir de seus conceitos. Devo deixar claro que o uso desse autor nesse trabalho é feito no sentido de compreender como a religião é algo originalmente social e que por ela há a construção de categorias e representações sociais que são fixadas na sociedade que. de certa forma, se apresentam como uma maneira dos indivíduos pensarem a si mesmos e à sociedade a que pertencem. No caso desse trabalho proposto a categoria e representação requerida é a do diabo no Ocidente e de criação do cristianismo.

nas consciências individuais formando representações partilhadas pelas mais diversas instancias da sociedade e que acabam por cumprir uma certa função de representar, em determinados momentos históricos, o espirito da época e encarnar em seu "corpo múltiplo" um espelho das moralidades e anseios da sociedade. Os autores base para essa discussão são Luther Link (1998), Robert Muchembled (2001), Carlos Nogueira (2002) e Alfredo dos Santos Oliva (2007).

A discussão sobre modificação corporal aparecerá na terceira parte e irá se basear na produção teórica de Beatriz Ferreira Pires (2005 e 2009), Andrea Lissett Pérez (2006) e Camilo Albuquerque de Braz (2006) e principalmente nos encontros e dados de campo apresentados pelas perspectivas e vivências nativas dos modificados e do grupo Diabos Mutantes, mostrando a forma resignificada que a categoria diabo adquiriu dentro desse cenário aqui no Brasil. Toda produção teórica discutida nessa parte é de origem nacional e reflete a realidade social vivenciada dentro das especificidades da cultura brasileira.

Por último apresento nas considerações finais os dados obtidos pela pesquisa e que levantaram novos questionamentos quanto à produção do corpo modificado, às categorias que ele produz e os diversos discursos que saindo da perspectiva diabólica ainda pretendem cercear essas práticas.

2. Religião e estruturação da categoria diabo

Acredito que seja essencial para explicar e compreender uma realidade atual e próxima a nós, capaz de influenciar nossas ideias, pensamentos e atos (no caso a associação feita entre o corpo modificado e a imagem do diabo), entender primeiramente que o diabo é uma representação de natureza coletiva e social. A religião e suas categorias podem aparentemente ser percebidas como sendo de cunho individual, mas na verdade são de natureza coletiva. Segundo Durkheim (1983:211) o primeiro sistema de representações que o homem fez de si e do mundo a sua volta é de natureza religiosa: "Não existe religião que não seja uma cosmologia ao mesmo tempo que uma especulação sobre o divino. Se a filosofia e as ciências nasceram da religião, é que a própria religião começou por ocupar o lugar das ciências e da filosofia."

A percepção do autor é a de que a religião emerge em sociedade como uma forma de classificação do mundo e das coisas, é uma cosmologia no sentido de estruturação da sociedade, da formação de ideias e das formas de representação. O fenômeno religioso pode ser observado em inúmeras sociedades, desde a mais antigas até as mais atuais e mesmo que sofram mutações concomitantemente as mudanças sociais, as representações e classificações de origem religiosa acabam por estruturar a forma de pensamento dos indivíduos em sociedade. Podemos observar elementos que são essenciais e comuns a toda forma de religião pois, em toda base de sistemas de crenças, cultos e rituais deve haver necessariamente algumas representações que são fundamentais para revestir de significação e preencher as mesmas funções em todo sistema religioso.

O personagem principal desse trabalho, e também de qualquer sistema religioso monoteísta, é aquele que represente o mal, que justifique a existência de uma religião, de apenas um deus - um ser superior que está ai exatamente pra combater esse mal. Esse personagem é o diabo, um elemento essencial, indispensável - a personificação do mal a ser combatido. O diabo como uma categoria de origem religiosa cristã ocidental, é uma coisa social, um produto do pensamento coletivo e, essa representação diabólica é rica em elementos sociais pois representa comportamentos sociais, no caso aquele que deve ser evitado, não deve ser pronunciado, ele representa aquilo que não se deve ser. Durkheim aponta que:

> [...] se, como nós o pensamos, as categorias são representações essencialmente coletivas, elas traduzem antes de tudo estados da coletividade: dependem da maneira pela qual esta é constituída e organizada, de sua morfologia, de suas instituições religiosas, morais, econômicas, etc. (1983:216)

O diabo[7] ocidental e cristão, considerado aqui como uma categoria de origem religiosa, uma representação coletiva, pode ser compreendido segundo o autor como sendo produto de uma intensa cooperação que se estende no espaço e no tempo, feita a partir de associações, misturas, combinações de ideias e sentimentos que ao longo de gerações vão se acumulando. Durkheim ainda ressalta que essa "intelectualidade" capaz de produzir essas representações é muito particular e "infinitamente mais rica e mais complexa do que o indivíduo". A necessidade da construção de categorias para compreender a si e ao redor, para diferenciar o eu e o outro pode ser explicada pelo caráter social da vida em sociedade, as categorias tendem a significar as relações mais comuns entre as coisas e pessoas, elas são essenciais para que os indivíduos se entendam sobre suas ideias essenciais, proporcionando homogeneidade sobre o espaço, tempo e etc. Sem a produção de categorias seria impossível a existência da vida comum.

Assim como tudo que é social possui um caráter impositivo, as categorias tendem de uma forma e tipo particular a ser imposta sobre nós como uma forma de *"necessidade moral",* não sendo um simples efeito dos hábitos dos quais poderíamos nos livrar, categorias são engenhosos instrumentos de pensamento onde se acumula um capital intelectual. A religião é, portanto, um sistema de ideias, representações e crenças que possuem um elemento essencial, um inimigo a ser combatido, uma categoria comum: o diabo, ou qualquer outro nome que se possa dar a personificação do maligno. A sociedade só poderia influenciar essa representação se ela for um ato, e só o será se os indivíduos que a compõem estiverem unidos e agindo em comum pois, as ideias e sentimentos coletivos só são possíveis por movimentos exteriores, que o simbolizem. Os anseios coletivos só podem ser tomados de consciência se fixados em objetos exteriores, a categoria diabo só pode ser inteligível ao se fixar sobre um corpo externo que simbolize a representação que a sociedade faz dele:

> As forças religiosas são pois forças humanas, forças morais. Sem dúvida, porque os sentimentos coletivos não podem tomar consciência de si mesmos senão fixando-se sobre objetos exteriores, tais forças não puderam se constituir sem tomar às coisas alguns de seus caracteres: adquiriram assim um tipo de natureza física; a esse título elas vieram misturar-se à vida do mundo material e é por elas que se acreditou poder explicar o que nele se passa. (DURKHEIM, 1983:224)

Para poder se exteriorizar e se fixar em algum objeto exterior, as categorias necessitam, antes de tudo, ser ativadas através de um compartilhamento comum. A religião entendida como

[7] No decorrer desse trabalho poderá ser notado que algumas vezes diabo vem escrito com letra minúscula e outras com maiúsculas, devo salientar que quando em minúscula a escrita se refere a maneira como a autora definiu a abordagem e quando em maiúscula segue a escrita das referências bibliográficas citadas no texto.

uma maneira de estruturar os pensamentos, pôde através de uma rede de categorias que foram introjetadas socialmente, fixar essa imagem diabólica que é exteriorizada no corpo modificado pelo olhar comum. Através do compartilhamento dos signos e símbolos do que se imagina ser diabólico, há uma movimento exterior de assimilação de uma certa corporalidade dissidente, uma exteriorização de características que se imagina, a partir do compartilhamento, serem não humanas.

A estruturação de categorias religiosas em nossa sociedade permite um mecanismo que não exige que o indivíduo se considere religioso ou acompanhe alguma religião especifica para poder compartilhar e reproduzir determinados imaginários, como o da corporalidade diabólica. O diabo é um personagem, uma categoria religiosa cristã mas também é um imaginário tão estruturado em nossa sociedade e disseminado por inúmeras instâncias como a mídia – filmes, series, desenhos, há inúmeras representações do diabo que são compartilhadas de forma quase universal - que por mais que as representações sejam inúmeras e possam se distinguir, algumas características são fundamentais para que os indivíduos reconheçam em determinadas imagens que o que se está retratando é o diabo. O sistema religioso existe, são fatos sociais que podem ser observados, constituem uma realidade pois estão dispostos em toda a sociedade, seus conceitos ao se estruturarem ficam fora do tempo e do espaço pois, de certa forma, resistem a algumas mudanças.

Como já exposto as representações acerca do diabo podem ter características diversas, pois, por ser um símbolo "comum" pode ser reconhecido e identificado nas sociedades ocidentais que partilham de estruturas religiosas cristã. O diabo pode ser considerado uma representação coletiva pois é comum a uma grande parcela de grupos sociais ocidentais e cristãos, é uma maneira pela qual a sociedade pensa as coisas e até a sua própria existência. A categoria diabo está presente na linguagem, na experiência comum sem que ele tenha sido submetido a alguma crítica prévia, para ser "verdadeiro", acreditado, basta que esteja em harmonia com as outras crenças e opiniões, com um conjunto inteiro de outras representações coletivas.

Ao se estabelecerem na sociedade ocidental os conceitos e as categorias passam a exprimir a forma pela qual a sociedade se representa, dizem ao mesmo tempo o que ela é e o que não é, os pensamentos fixados pelos conceitos sempre são contemporâneos a sociedade que os representam. Pensar pelas categorias e conceitos dispostos na sociedade permite que o indivíduo seja um ser social pois, de nada adianta uma concepção individual que não seja

partilhada, para ser comum ela precisa ser social. As representações coletivas exprimem as condições que são fundamentais para haver entendimento entre os indivíduos, elas só podem ser elaboradas pela sociedade, as coisas sociais são da sociedade e ao mesmo tempo a exprimem - supõe uma organização consciente que gera formas classificatórias dos fatos, conceitos e categorias sociais. A imagem do diabo estruturada pelas categorias religiosas do Ocidente cristão encontram-se tão imersas e profundas nas consciências individuais que ao ser exteriorizadas no corpo modificado dão a impressão de que este realmente seja uma representação fiel a imagem religiosa constituída, Durkheim aponta que:

> Para reconhecer que uma coisa se assemelha a outras das quais já tivemos experiência não é de forma alguma necessário que dispomos umas e outras em gêneros e espécies: a maneira pela qual imagens semelhantes atraem-se e fundem-se é suficiente para dar o sentimento de semelhança. A impressão do já visto, do já provado, não implica nenhuma classificação. (1983:242)

As categorias são estruturadas socialmente, necessitamos de seu compartilhamento para podermos nos comunicar e tornarmos possível a vida em sociedade, a imagem do diabo cristaliza-se nas estruturas sociais através dos conceitos e categorias religiosas e, partilhadas socialmente acabam por inscrever-se nos corpos modificados, gera-se uma associação de uma categoria imaginada a um corpo externo. O cristianismo prega em suas diretrizes que o homem foi feito a imagem e semelhança de seu superior, deus, portanto um corpo que difira dos demais indivíduos acaba por encarnar em sua pele a imagem do não deus, daquele que representa todo o seu oposto, o diabo.

A associação entre a categoria religiosa cristã e o corpo modificado funciona pelo mecanismo que identifica aquilo que está inscrito nas representações coletivas - o indivíduo comum, por um lado, feito a imagem e semelhança de seu criador e, o corpo dissidente, modificado, que ao alterar aquilo que é divino absorve as características do *não dever ser,* do seu maior contrário, o diabo.

Dada essa exposição que procurou mostrar como funciona a absorção das categorias religiosas em sociedade, mesmo por indivíduos que se considerem não religiosos, que possibilitam que sejam associadas a corpos externos, precisamos entender como essa categoria entra em circulação na sociedade, através do discurso e seu papel na produção de corpos e de enunciados de verdade.

3. Discurso e construção de enunciados de verdade

> [...] inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitorias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu a asperidades. (FOUCAULT, 1996:8)

Essa pesquisa pretendeu compreender o discurso que associa algumas práticas de modificação corporal a imagem do diabo. Este, como já exposto, é uma categoria religiosa cristã que no Ocidente atingiu grande espaço na sociedade e, como categoria deve ser inserido em um mecanismo de produção e proliferação de discursos de "verdade" que possibilitem que essa associação ocorra no plano dos discursos, da palavra e da linguagem. Como já citado, sentimos uma inquietação frente a materialidade que uma coisa pronunciada – uma categoria proliferada em discurso, e que produz corpos, tende a transformar-se em matrizes normativas de comportamento – o diabo é aquele ao qual não se pode assemelhar-se. Os acontecimentos discursivos são inteligíveis a partir de práticas, enunciados são relações físicas a partir do momento que formam materialidade, que se fixam em corpos.

Toda produção de discurso é controlada, selecionada, organizada e distribuída por procedimentos que conjuram seus "poderes e perigos", deve haver um domínio de seu acontecimento para que o discurso tenha uma dupla função – enunciar as "verdades" e possibilidades e trazer à tona procedimentos de exclusão, no caso dessa pesquisa procedimentos de estigmatização. O discurso religioso cristão ao definir o que deve ser um corpo, à imagem de deus, logo define aquele que deve ser excluído, evitado e em última instância desumanizado. Aparentemente o acontecimento discursivo pode nos parecer atingir apenas quem se encontra dentro de suas diretrizes mas em realidade produzem interdições, revelam sua ligação com o desejo e com o poder. Para Foucault (1996:10) "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder pelo qual nos queremos apoderar."

A condição no enunciado define relações de poder, quem discursa e para quem esse discurso será emitido, o discurso religioso não pode ser dissociado de práticas rituais que delimitem para todos os sujeitos propriedades e papéis preestabelecidos. Sempre há de existir momentos em que são veiculados maneiras já estabelecidas de estética e corporalidade, de modo a fazer circular determinadas "regras" normativas de cuidado com o corpo, que tenha o papel de reificar o que seria uma aparência de deus, uma aparência hegemônica – onde se

encontra o poder do discurso, e todas as outras corporalidade que se assemelhariam ao seu oposto – o diabo. As categorias utilizadas pela doutrina religiosa cristã ligam os indivíduos a determinados tipos de enunciação e os restringe a outros, da mesma maneira que permite determinadas praticas com o próprio corpo e proíbe, ou condena, outras. A especificidade das categorias religiosas cristãs em nossa sociedade são que elas atingem também o indivíduo não religioso dado que a formação religiosa é praticamente estrutural em nosso contexto - o partilhamento dos discursos não se restringe ao círculo religioso, ela penetra em outras instancias da vida social de forma naturalizada, por exemplo, ao reproduzirem um discurso associando um corpo modificado a imagem do diabo, não necessariamente o indivíduo tem em mente que está mobilizando uma categoria religiosa. A figura do diabo é tão capilarmente absorvida que não se leva em discussão o fato da sua "existência" ser religiosa.

O discurso deve ser analisado na ótica de ser uma pratica descontinua, práticas que se cruzam mas que por vezes podem se ignorar pois, os acontecimentos discursivos ocorrem pela e como um efeito de uma certa dispersão material, uma certa imposição de afirmação que confere o poder de construção de domínios de objetos específicos. Segundo Foucault (1996:50), "deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhe impomos em todo caso; e é nessa pratica que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade." Ao serem regulares, os discursos se afirmam na sociedade e produzem determinadas "verdades" sobre seus objetos, essas se instalam e se revelam nas práticas discursivas.

Deve-se ter em mente que todo discurso é uma construção histórica - assim como veremos mais adiante como se deu a construção histórica do imaginário diabólico e, como construção histórica cada discurso e as categorias que ele mobiliza possuem a sua própria história no sentido de existir uma determinada trajetória que possibilita a sua emergência e capilarização na sociedade. O discurso, composto por um conjunto de enunciados, limitados, para os quais se definem determinadas condições de existência especificas, constituem práticas de regularidade e dispersão que podemos observar na forma de ideologia, ciência, teoria e etc. Como um modo de pensamento que se opõe a intuição, o discurso forma uma rede de enunciados e de relações que tornam possível haver significantes, é um movimento que produz sentidos, relaciona a língua com outras práticas, constrói realidades, corpos. A existência da sociedade supõe que ela já tenha discursos postos em práticas pois, só nos tornamos sujeitos derivados desses discursos - como uma prática, um saber, o discurso é poder, no sentido de

quem fala e o que produz. As relações vão caracterizar o discurso enquanto prática que está imersa em um poder que estabelece uma relação de opressão, produzem-se mutuamente.

Os indivíduos absorvem as categorias dispostas em sociedade, mobilizam seus significados e significantes através da produção e circulação de discursos. Categorias, conceitos e discurso ocorrem através das práticas que os estabelecem e reproduzem relações de poder, o indivíduo só se torna sujeito enquanto um efeito da linguagem, ser sujeito estabelece em que posição discursiva se está inserido, essa é a função mais importante dos discursos. Ao mobilizar uma categoria religiosa cristã Ocidental através de uma circulação intensa de seus acontecimentos discursivos, os indivíduos, religiosos ou não, produzem sujeitos que na associação tornam-se diferente de si, são modificados, e ao mesmo tempo se produzem ao se reconhecerem como obra feita à imagem e semelhança de um ser superior. O discurso produz os corpos "normais" e ao mesmo tempo as corporalidades, os corpos dissidentes, modificados, diabólicos.

Formação das categorias religiosas e sua fixação nas estruturas sociais, mecanismos de (re)produção de discursos – religião, mídia, política acabam por produzir corpos normais e dissidentes, alocam cada corporalidade em sua específica posição no gradiente do poder. Os corpos que seguem a lógica hegemônica em nossa sociedade acabam por serem uma espécie de transmissor das categorias que são aceitas e, reforçam em seus discursos o caráter diabólico do corpo modificado. Se necessitarmos de uma certa trajetória de como esse mecanismo de produção do corpo através dos discursos acontece poderíamos analiticamente os posicionar da seguinte maneira: estruturação das categorias religiosas em nossa sociedade, produção do discurso e de enunciados de verdade e, transmissão (reprodução) da lógica hegemônica do que seria um corpo normal. Através de todos esses processos ocorre a distribuição do poder de acordo com quem pode falar, classificar as corporalidades e o corpo a ser classificado, posicionado e que serve como que um reforço para manutenção da percepção diante do corpo modificado - este não se insere nessa lógica e não segue as categorias impostas, por exemplo, pela doutrina religiosa cristã.

Antes de expor a parte etnográfica que irá melhor exemplificar como esses mecanismo de transmissão do discurso e das categorias ocorrem, creio ser de grande importância entendermos como se deu socialmente a construção do imaginário diabólico no ocidente e, especificamente na sociedade brasileira, para isso dedico exclusivamente o próximo capitulo.

4. A representação e construção do imaginário diabólico

> É um forma de representação porque, enquanto espirito, o demônio não tem aspecto corpóreo, sendo o homem, submergido na cultura e mentalidade próprias de cada época, quem o pinta com estas ou aquelas cores. Ou seja, se o demônio, em si, está além da História, a sua *representação* (pelo discurso, pela afetividade, pela iconografia) é sempre produto da História... Monstruoso ou atraente, é sempre aparente a forma escolhida e momentâneo o caráter adotado. De qualquer modo, de acordo com a mesma tradição, o demônio – anjo *caído* – é criatura maravilhosa na sua inteligência e vontade. (NOGUEIRA, 2002:8)

As mais variadas formas em que o diabo é representado em nossa sociedade refletem traços culturais e estruturas sólidas que são construídas como produto da História e seguem uma trajetória que tem por função estabelecer comportamentos, definir corpos e atitudes. O diabo representa uma oposição ao e*thos* dominante, uma corporalidade que é oposta, uma forma de rebeldia a uma ordem estabelecida. Esse talvez seja o aspecto mais importante da ressignificação que o diabo adquire nos grupos de modificação corporal compreendidos nesse trabalho – mas essa é uma discussão que será levantada mais adiante. O que será discutido nesse capitulo é como sua representação e imaginário corpóreo se instaurou na História do Ocidente, do Brasil e nas consciências.

Em sua obra "O Diabo – A máscara sem rosto", Luther Link (1998) analisa as obras artísticas, pinturas e iconografias no decorrer de 7 séculos buscando compreender as características que construíram a imagem do diabo como conhecemos. Segundo o autor, para avaliarmos o sucesso ou fracasso de uma representação do diabo, seus sinais e símbolos, devemos entender o que está sendo mostrado e de que maneira é sentido pois, a compreensão de uma representação depende de informações intrínsecas a pintura que não podem ser deduzidas. Essas características são culturalmente definidas por convenções estabelecidas. Por exemplo, a forma que se está representando uma imagem e qual o sentimento que se quer fazer sentir com tal representação. A pintura deve trazer à tona perspectivas que são construídas por relações especificas.

Link atenta para o fato de que o mesmo ser as vezes é retratado por diferentes nomes[8]: Satã, Diabo e Lúcifer, onde cada um pode estar relacionado a algum episódio especifico da história religiosa, a questão para o autor é que essa complexidade aparente da nomeação também se reflete na questão central de sua obra: a descontinuidade das representações acerca da imagem

[8] De acordo com Link (1998) *"Os três termos realmente designam o mesmo ser mas, em alguns casos, um dos três pode ser mais comumente associado a um episódio especifico (por exemplo "Lúcifer" como o nome do Diabo quando ele ainda era um anjo). Essas complexidades chamam a atenção para um de meus temas: a descontinuidade das imagens do Diabo."*

do diabo. Ao contrário da imagem de Jesus, muito difundida e facilmente reconhecida, a imagem do diabo pode apresentar grandes descontinuidades de acordo com o contexto e situação especifica de sua criação, há uma gama de características que podem ser associadas a ele. Algumas características são facilmente relacionadas a ele: barba, chifre, rabo e forcado que, segundo o autor derivam de três fontes: as interpretações antigas do Novo Testamento, o herói rebelde criado por Milton e pela tradição literária romântica (Blake e Baudelaire) e a tradição popular dos cultos satânicos e sabás de bruxas:

> Ele não é uma pessoa. Pode ter muitas mascaras, mas sua essência é uma máscara sem rosto. A face visível do Diabo do século IX ao XVI via de regra é banal: uma máscara de papelão, sem personalidade nem sentimento por trás. Talvez por isso o rosto do Diabo parecesse tão difícil de esboçar que o de Jesus. (1998:20)

E segue...

> O Diabo cristão engana e tenta; é o inimigo do homem e de Jesus. Por isso ele constituiu um problema teológico e moral: ele é o intruso que a Igreja tem o dever de não definir exatamente (...) Por inferência o Diabo é usado por Deus, trabalha para Deus e, em certo sentido, não está em conflito com ele. Se isto parece teologicamente infundado, não obstante é a base comum da maioria das descrições do Inferno. Assim, não surpreende que a Igreja não tenha dado contornos nítidos à iconografia do Diabo. O mal do Diabo requer evasivas. (1998:21)

Da interpretação do autor podemos tirar que o cristianismo tem por vistas não definir exatamente características intrínsecas ao Diabo - como uma espécie de espelho inverso sua imagem está por ser definida de acordo com o que se quer representar e fazer sentir exatamente. Na teologia cristã o diabo foi criado por Deus, até certo ponto está a seu serviço e serve como sua justificativa. Assim, esse projeto evasivo faz com que sua imagem seja relacionada a inúmeras situações e corpos. Ele não é somente uma criação bíblica, literária, ele é *real*, no sentido de fazer parte da realidade da civilização ocidental, "talvez o motivo de o Diabo despertar nosso interesse resida no fato de definir Deus tão seguramente quanto Deus o define. Graças a Deus pelo Diabo!" (1998:22). Ao definir Deus, define-se nossa sociedade, nossas instituições, nossos modos de pensamento, nossa ideologia. O diabo é uma peça fundamental para compreender a estrutura de nossa sociedade, ele está por representar tudo que não queremos que seja relacionado a nós, o diabo é o outro, o desconhecido. "Talvez uma ideia inadequada do Diabo seja o mesmo que um ideia inadequada de Deus." Ambos definem-se e só existem em relação.

A iconografia de Jesus pode ser facilmente identificada porque foi bem definida, ao contrário da do diabo que está sempre sofrendo modificações. A iconografia da "mídia medieval", onde podemos encontrar as primeiras representações do diabo, tinha por objetivo

instruir, explicar e fortalecer a crença cristã, podemos identificar já aqui a função dessa representação como um maneira de reiterar determinados modos de pensar e de viver. A forma com que ele é representado pode diferir até nos mesmos períodos: podem ter chifres, rabos, podem ser alados, mas também podem não apresentar nenhuma dessas características. Entre os séculos XI e XVI, em geral podemos observar sua representação como animais grotescos, repulsivos e até perversos mas, o que vemos é a sua representação e não o diabo como uma espécie de realidade concreta (afinal não estamos pautados por sua "existência"), é a forma socialmente interpretativa. Sua forma também muda nas representações bíblicas, não só sua corporalidade mas também a sua função: no juízo final por exemplo, o diabo não é representado como um inimigo de deus, mas sim como seu aliado, ele castiga os pecadores, tem seu próprio lugar e segue a lógica da crença, ele reforça o sistema, reforça os discursos de verdade. Durante alguns séculos toda arte produzida pela Igreja funcionava como um veículo de comunicação para as massas, devia servir então como um mecanismo de reprodução dos dogmas, crenças e valores, nada muito diferente da função que encontramos hoje na mídia atual.

Link sugere que uma inexistência de tradição pictórica da imagem do diabo, ao contrário da de Jesus por exemplo, acompanhada de algumas fontes literárias que confundiam o Diabo, Satã e Lúcifer, são fatos importantes para a quase ausência de uma imagem mais unificada do diabo. Muito de sua representação foi sendo construída ao longo dos séculos de acordo com tudo que a Igreja considerava contrário ou alheio a sua crença, Pã[9], um sátiro, talvez seja a forma mais comum associada a características mais "universais" difundidas sobre a corporalidade diabólica. O que de comum temos na representação do diabo e do Pã são "*os chifres, cascos, orelhas, rabo e parte inferior do corpo peluda"* (1998:54), entretanto sua representação não pode estar ligada simplesmente a figura de Pã, as características animais não designam aqui que ele seja um animal, pois a sua expressão é sempre humana e dotada de inteligência:

> [...] a ideia convencional de que Pã é a principal fonte pictórica do Diabo é demasiado simples. Na verdade o sátiro as vezes era dissociado do Diabo, pois a doutrina cristã salientava que a distinção entre homem e animal não era física, mas espiritual. Isso leva a curiosa ideia de que até mesmo um sátiro poderia ascender no mundo. (LINK, 1998:61)

[9] *"Na mitologia grega, Pã era filho de Hermes, e tinha nascido com chifres e rabo, uma barbicha e cascos de bode, e todo o seu corpo era coberto de pelos. Era um deus rustico dos bosques e dos campos sagrados, e com ele viviam, nas florestas, os paniscos, diabinhos do mato, seus filhos e filhas que aterrorizavam os seres humanos, proporcionando-lhes pesadelos e aparições más. (...) Aos olhos dos cristãos, acabou sendo vinculado a tudo que existia de mau."* (O'GRADY, 1991:59 apud OLIVA, 2007:50)

A partir do século XII a ideia do homem selvagem começa a aparecer na literatura e nas obras de arte, eles viviam em florestas, eram agressivos, sexualmente ativos e capturavam mulheres. No século XV essa ideia é reforçada pela "descoberta" do novo mundo e dos "selvagens" que lá habitavam, a imagem do sátiro e do selvagem acabam por se fundir nas representações que o diabo viria a ter, mais uma vez o desconhecido e que não seguia a cultura e dogmas dos colonizadores acabaram por transformar-se imediatamente em diabo. Toda corporalidade de comportamento diferente era alocado na representação diabólica. Anteriormente, do século II ao V, segundo Link, o diabo era representado como um etíope negro, possivelmente de origem egípcia, preto e nu, esse diabo contrastava com a branquitude dos anjos "puros" e sua nudez representava o pecado. Em todas essas formas representativas a corporalidade diabólica é sempre o outro, aquele que não deve ser inserido na lógica dominante, mas sim domesticado; a sociedade o irá vestir, ele será racializado.

No Paraiso Adão e Eva também estavam nus, mas eles foram criados assim, o diabo porém foi desnudado, como um símbolo de degradação, seu corpo a mostra deveria passar uma mensagem de tudo aquilo que é contrário e esperado de um corpo divino. Há uma questão muito importante aqui a ser levantada: por vezes hipersexualizado, o diabo mesmo nu não mostra sua genitália, ao contrário de Jesus que nas obras do século XV é representado com sua genitália[10], essa mudança é muito importante pois ao deixar a mostra o sexo de Cristo tornava-se desaconselhável mostrar a mesma genitália no seu oponente, pois aquilo que humanizava Cristo poderia humanizar seu inimigo também, mesmo nu, nas representações artísticas desse período o diabo era destituído de sua genitália. Posteriormente há uma inversão e, a nudez e as genitálias começam a ser vistas como degeneração e o diabo agora nu reflete tudo o que o cristianismo distorceu e descartou de outros povos ou culturas, pois uma forma de calar novas formas de pensamentos e possibilidades de corporalidade é demoniza-los.

> Na arte cristã a nudez como sinal de degradação e humilhação é reservada aos diabos, pagãos e hereges. A identificação de deuses pagãos com diabos e o uso de Pã na forma de alguns demônios não são acidentais. Refletem o modo como a Igreja deturpou a ciência e a filosofia clássicas, tornando-as estéreis ao longo dos séculos. (LINK, 1998:68)

[10] De acordo com Link (1998:66) *"(...) em resposta a problemas teológicos específicos, enfatizou-se a natureza humana de Cristo em meados do século XV, e essa ênfase deu origem a um novo gênero de pintura, mostrando os órgãos genitais de Jesus. (...) Essas pinturas dramatizam o fato de que Cristo se tornara um homem de carne e osso: a genitália de Cristo em particular (a circuncisão é um exemplo) tornou-se um modo eloquente de revelar que Cristo era um homem, e isso foi corroborado e estimulado pela teologia da encarnação."*

Desde os papas até os governantes das grandes potências mundiais, associar ou definir algo como diabo é uma forma de macular qualquer um que discorde de quem está no poder, ou bata de frente com o próprio poder e suas diretrizes. Como um expediente retórico, o diabo não se refere a uma essência do que seria realmente o mal, ele se transforma em uma justificativa para que se exerça um domínio, uma opressão, um "verdadeiro mal" por parte de quem emprega essa expediente. Ele simboliza um sinal de um ser que está fora da sociedade, que não foi civilizado, é um selvagem, uma desordem e, quando "aparece" causa caos.

O cristianismo se apropriou de ideias e cerimônias das religiões politeístas e a partir delas delineava sua teoria demonológica. Tudo o que era negado e repelido como demasiadamente pagão, contrário à seus dogmas era colocado no reino do Mal. Ao diabo foi atribuído todas as características dos povos e suas divindades.

> As repetidas beligerâncias que compõem o processo de expansionismo dos povos da Antiguidade têm como tradução numa esfera religiosa, a assimilação dos deuses dos inimigos a entidades malignas, pois estes *pertencem* a seus povos e atuam como representantes destes. (NOGUEIRA, 2002:15)

Seguindo a mesma linha de raciocínio, para Oliva (2007:52,53):

> A construção da iconografia do Diabo é um exemplo da forma demonizante como o cristianismo tem lidado com as religiões que o concorrem. A imagem do Diabo foi construída sobre os escombros das antigas religiões que precederam ao cristianismo na história. Depois que a imagem e o papel do Adversário de Deus já estavam delineados, o cristianismo continuou a identificá-lo com as expressões religiosas do "outro".

O reconhecimento do "outro" como demoníaco e que idolatrava imagens não cristãs conferiu ao empreendimento colonial uma legitimidade especifica pois, o "outro" não seria apenas o diferente mas está em conformidade com o maior adversário de deus, logo, seu extermínio estava em correspondência com a vontade divina.

Retomemos suas principais características corpóreas: nudez e\ou corpo peludo, boca grande e aberta, dentes salientes, cabelos normalmente desgrenhados ou flamejantes, podem ser complementados por cascos, patas ou garras, presas, rabos, chifres e asas de morcego ou de anjo. Como já citado suas características foram em sua maioria retiradas de seres que a doutrina cristã negou. Com uma religiosidade distinta da do Ocidente, o contato do cristão com o Oriente e seus deuses fez com que novas características fossem agregadas as representações e a corporalidade diabólica, as deidades tanto asiáticas quanto indianas, aquelas que nas culturas orientais defendem os bons contra os mal foram consideradas diabos pelos europeus.

> As representações dos inimigos desenvolveram-se numa quase ilimitada variedade de formas grotescas e fantasmagóricas, uma vez que esses seres de pesadelo simbolizam um crime contra o Criador e, portanto, contra a Sua Criação: a Natureza. Demônios com anatomias animais ou semi humanas ou deformadas: coberto de pelos ou escamas, com cabeças demasiadamente grandes ou demasiadamente pequenas em relação ao corpo, dotados de olhos saltados e bocas rasgadas e cavernosas, chifres, rabos e asas, garras e cascos, cabeças de pássaros ou bicos, com inúmeras faces, braços pernas e outros apêndices, enfim quantas outras monstruosidades a imaginação pudesse criar. (NOGUEIRA, 2002:64)

Para compreendermos como as características foram sendo assimiladas ao diabo temos que ter em mente sempre o contexto que o estava relacionado. A função exercida pelo diabo na arte e na sociedade e os nomes atribuídos a ele provém da teologia do século V, já seu rosto e sua forma podem ser originalmente encontradas nas fontes helenísticas e do drama litúrgico. No século IX ele aparece com o rosto de Pã e com características do homem da caverna, o selvagem, as vezes mostrado como um espirito impuro expulso do céu, geralmente em forma de dragão, já, no mesmo século mas representado como o soberano do inferno, o diabo aparece sem chifres, asas ou rabo. Nos séculos XII e XIII ele volta a apresentar essas características, pode ter asas de anjo mas já no século XIV adquire asas de morcego e, no século XV tem inicio um novo tema que será melhor desenvolvido no século XVI, os anjos rebeldes, a partir desse momento o diabo vai adquirindo características mais humanas, sendo quase impossível distingui-lo dos outros. Durante todos esses séculos sua aparência foi sendo cada vez mais transformada, não conseguimos defini-la de um única maneira. Talvez fosse o diabo o primeiro ser a se modificar?

O diabo é uma incrível mistura de percepções e corporalidades; é uma criatura da teologia, da ideologia, da política e da sociedade, ele adquire inúmeras formas: pode ser um micróbio, um grande dragão, uma criatura assustadora ou assumir uma forma humana que não o difere dos demais, como então esse ser poderia adquirir uma única face? Essa ausência de definição é útil pois ele pode sempre adquirir a forma do oponente, ele com frequência é apenas o representante do outro, está tão inserido em nosso pensamento e em nossa linguagem que "talvez surpreenda saber que algumas línguas não tem nenhuma palavra para designar o Diabo porque não existe o conceito de Diabo." (Link, 1998:195)

A relação de sua existência como representação do mal deve ser entendida apenas dentro da doutrina cristã pois, sendo uma criação na qual a sua função foi definida pela Igreja, ele só poderá representar o mal tal como ela o define. O diabo só é mau segundo um interesse próprio da igreja e a crença nessa malignidade virá conjuntamente à crença na teologia cristã ortodoxa.

O que nos interessa é que a sua "realidade" em nossa sociedade, em nosso século é que ele nos demonstra uma imaginação poderosa, novas possibilidades, aquilo que é desconhecido. Nas mãos da igreja ou de qualquer outra instituição, o diabo é uma arma ideológica, tanto para cristãos quanto para não cristãos a crença no diabo permite que não se encare o quão inadequadas são as explicações teológicas e a maneira que essas crenças alocam o poder em determinados indivíduos e instituições. Essa crença é um modelo fácil de se "explicar" o mal, as injustiças e desigualdades na sociedade, a crença no diabo limpa a responsabilidade individual, todo e qualquer significado pode ser atribuído a ele exatamente por não haver nada que nele o seja fixo.

> Nenhuma outra criatura nas artes com uma história tão longa é assim vazia de significado intrínseco. Nenhum outro sinal ou suposto símbolo é tão insípido. E se a aparência do Diabo quase sempre foi determinada pelo costume trajado para personifica-lo, isto é adequado: o Diabo é apenas um costume, mesmo que se tenha tornado inseparável da pele daqueles que o usam. (LINK, 1998:205)

O diabo é um personagem que simboliza ruptura, divisão, quebra de paradigmas, está sempre em confronto com todas as forças e instituições – políticas, religiosas e sociais, que de alguma forma tentam impor uniformidade e unidade as grandes multiplicidades da vida social e, segundo Muchembled (2001:8) "este diabo não é apenas da Igreja. Ele representa a parte noturna de nossa cultura, a antítese exata das grandes ideias que ela produziu e exportou para o mundo, das Cruzadas à conquista interplanetária." O diabo encontra-se imerso em nossa sociedade, sua imagem funciona como um sistema de representação do imaginário coletivo, canaliza-se quase que invisível a nossos olhos e irrigam um mesmo conjunto, mas não liberam a mesmas quantidades ou qualidades de ideias e emoções, sua ideia dá um sentido "global" ao universo em que será aplicada e a mutação de sua imagem segue a mesma dinâmica:

> Longe de constituir um fato isolado, a mutação de uma imagem do diabo inscreve-se neste dinâmico campo de ação. Ela se torna o fermento da evolução, pois faz parte de um sistema unificador de explicação da existência, que aproxima lentamente as partes mais empreendedoras do Ocidente, opondo-se, cada vez mais nitidamente, no decurso dos séculos, ao universo maciçamente encantado e infinitamente pulverizado em que continuam a viver as populações agrícolas e as massas urbanas. (MUCHEMBLED, 2001:33)

O discurso sobre o diabo, assim como sua imagem, tende a ser modificada no momento em que vão se esboçando na história novas teorias sobre política, ciência e etc. e as implicações na dinâmica social que trariam consigo, esse discurso tende a cimentar a ordem social e reproduzir as relações de dominância e opressão, seja pela Igreja (como na idade média) ou pelo Estado e suas instituições. Segundo Muchembled um dos eixos que podemos entender das

mudanças na representação da imagem do diabo vem conjuntamente com a construção de uma nova cultura do corpo no Ocidente que a partir do século XII:

> Ele agora se tornava tão monstruoso, tão bestial, que o fato de imaginá-lo podendo deslizar para o interior de qualquer ser devia produzir um sentimento de extrema angustia e levar a lutar para mantê-lo o mais longe possível de si. Os dois elementos constitutivos desse sentimento foram, em primeiro lugar, a ênfase dada à não humanidade fundamental do demônio e, a seguir, a insistente sugestão de que ele podia invadir os corpos dos pecadores para transformá-los a sua imagem. (2001:46)

A questão do corpo é muito polêmica na maioria das vertentes religiosas cristãs, para a maioria delas alterar a forma feita por deus a sua imagem e semelhança já se caracteriza como um pecado do corpo, da carne. Ao modificar o seu corpo tornar-se-ia então pecador e sendo um pecador estaria esse corpo modificado predisposto a ser invadido pelo diabo que o transformaria a sua semelhança. Poderíamos aqui inferir que uma parte da discussão sobre a associação do corpo modificado à imagem do diabo teria chegado ao entendimento mas, modifica-se tomando as características do imaginário diabólico – segundo o discurso corrente na sociedade, ou se toma a corporalidade diabólica após se modificar e, estar suscetível de ser invado pelo maligno e transformado a sua imagem e semelhança? Talvez essa pergunta seja retórica e a questão da representação do diabo na corporalidade esteja mais ligada a uma questão da repressão e do tabu envolvendo o corpo da qual o cristianismo tem grande influência.

Muchembled cita em sua obra que em 1911 em Nova York um discípulo de Freud chamado Ernest Jones publica um texto em que coloca as razões para o diabo ser o principal inimigo dos cristãos, sua imagem representaria todas as energias que a religião tentou suprimir do indivíduo, classificando-os como pervertidos, anormais etc.:

> Para ele, todas as figuras do Mal, principalmente as feiticeiras, estão relacionadas com problemas de autoridade e repressão. O demônio pode muito bem tanto simbolizar o ódio do pai contra o filho quanto o do rebento em luta contra seu genitor: ai vemos uma mistura das concepções cristãs, freudianas e românticas, inaugurando o que se tornará uma via americana de tentativa de auto controle por meio de uma psicanálise saturada de referências religiosas. (2001:272)

Não entrarei aqui em discussão com a teoria psicanalítica, nem nos seus méritos ou problemáticas, mas nesse ponto é claro como a representação do imaginário diabólico atinge grande profundidade em nossa sociedade, saindo de suas influencia estritamente religiosa e desempenhando sua função na ciências, filosofia, delimitando as fronteiras do comportamento e do pensamento baseado em uma categoria religiosa cristã e Ocidental. A crença religiosa pode ter sofrido uma queda a partir do desenvolvimento da ciência e do *desencantamento do mundo*,

porém, podemos observar que a partir do segundo milênio há uma nova insistência sobre a figura do diabo, filmes, desenhos e produções artísticas que tentam por reforçar uma imagem talvez diluída pelas grandes transformações na sociedade. Para Muchembled (1998:293) "isso traduz provavelmente um desejo de reconquista dos espíritos tentados por múltiplas doutrinas esotéricas, reestabelecendo o antigo elo entre o medo do diabo e a fidelidade a Deus." Para reforçar uma crença nada mais certo do que reforçar o motivo dela, o diabo então deve ser novamente resignificado para que entre na lógica atual, uma tentativa de trazer novamente a fé e o controle da religião.

A busca da felicidade individual, trazida pelas novas transformações da globalização e pelo ideal do *american way of life (*estilo americano de vida*),* dão uma nova representação ao imaginário diabólico, totalmente diferente das noções de medo que sua imagem evocava, agora ele representaria o gozo da vida, os prazeres e as possibilidades do novo mundo mas, ao mesmo tempo vinha representar o "medo comunista" trazido pela guerra fria - o "vermelho" fixa-se como o mais execrável dos demônios, o comunismo, aquela ideologia que iria acabar com a ordem estabelecida e com o sonho americano reproduzido pelas mídias e reforçado pelo contexto de dominação da nação norte americana. A partir de 1949 mídia e ficção cientifica norte americana passam a produzir cinematograficamente representações de medo, ligado sempre ao outro, ao extraterreste, que muitas vezes iria simbolizar o "russo diabólico" que iria invadir a grande nação estrelada, os corpos dos inocentes americanos e seus cidadãos de bem. Mesmo após muitos séculos é possível perceber como o imaginário diabólico é reproduzido com a mesma função, talvez não inserido numa logica estritamente religiosa e com métodos que atingem um maior público – como as obras cinematográficas, mas servindo da mesma disposição de controle e de imposição de uma só cultura, de uma só logica.

> Felizmente, graças a Deus, nada resiste aos novos super-homens que defendem a melhor civilização do mundo. Com a condição, naturalmente, de que sejam restaurados os puros valores fundados da nação. O demônio com certeza... Se ele não existisse, seria preciso inventa-lo, para manter agregada uma sociedade que não tem mais um inimigo exterior a sua altura. (MUCHEMBLED, 1998:330)

A existência do diabo, enquanto representação e uma forma de controle social, é fundamental para materializar as fronteiras, isso se mostra claramente como se manteve permanente e sendo modificado para se adequar aos novos costumes e as mudanças sociais. Ele é o responsável pela separação e classificação entre os bons, a parte hegemônica a ser seguida, aquela que detém o poder e, os maus - todos aqueles que não se enquadram e devem ser

excluídos dessa lógica. Seja medieval, romântico, renascido, americano e ocidental a existência e representação do diabo é fundamental para manutenção de uma forma de controle social.

O cristianismo e sua história podem confundir-se com a história do diabo, no sentido de ele exercer importância vital para existência de um crença, o papel desempenhado pelo diabo, até hoje, é o de associar qualquer comportamento divergente ao maligno e fazer com que a coletividade reconheça e repudie os mesmos. É necessário para as representações cristãs a existência de uma encarnação do mal: ele precisa ser visto, tocado e reconhecido. Foi necessário uma construção de uma estética diabólica que seja socialmente reconhecida e assimilada. O diabo passa a representar uma espécie de rebelião contra a moral e a fé tradicional.

Para finalizar esse capitulo gostaria de brevemente falar sobre uma nova onda diabólica no Brasil promovida especificamente pela Igreja Universal do Reino de deus (IURD). Liderada pelo bispo Edir Macedo e fundada pelo mesmo em 1977, hoje atinge grande público e ostenta com as suas sedes inspiradas em grandes monumento históricos, como o Templo de Salomão reconstruído na cidade de São Paulo. O discurso sobre o diabo nessa vertente é muito recorrente, talvez ali se fale mais do diabo do que do próprio deus. Edir Macedo publica em 1997 um livro que gerou grande polemica chamado *"Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?"* onde o bispo faz um discussão baseada na sua legitimidade como representante divino e sobre as religiões afrodescendentes e sua possível relação com o maligno, também caracteriza algumas simbologias que podem ser encontradas em demônios:

> É normalmente descrito como um ser chifrudo, rabudo (as vezes com cauda em forma de seta), unhas grandes semelhantes a garras, olhos redondos, avermelhados, cascudo, barba de bode, pele tinada de hirsuta, asas semelhantes a de morcegos e pé de cabra. (MACEDO, 1997 apud OLIVA, 2007)

A obra de Macedo não é o tema desse trabalho mas acredito que seja de grande importância entendermos as formas utilizadas pelo bispo para legitimar algumas formas de preconceitos religioso, racial e etc. Desde a fundação de sua igreja Edir achava muito importante que suas ideias fossem disseminadas por veículos de comunicação em massa sendo que em meados dos anos 90 ele compra a Rede Record de televisão.

> A I.U.R.D não apenas tratou de criar um acesso a televisão para se propagar no Brasil e no exterior, mas aprendeu a dramatizar a vida das pessoas ai vivo em seus cultos. Indo a um culto da igreja do Bispo Macedo, as pessoas podem experimentar participar de uma novela global ao encenarem seus dramas sociais nos palcos dos templos previamente preparados. (OLIVA: 2007:135)

Com uma produção acerca da corporalidade diabólica e a posse de uma emissora de televisão, Edir Macedo parece exercer uma obsessão exagerada pelas modificações corporais,

inúmeras são as vezes em que programas foram dedicados a esse assunto e quando exibidos nos programas da madrugada essas práticas são associadas ao diabo. Falarei exatamente sobre isso no próximo capitulo onde, em campo pude obter relatos de pessoas que tiveram sua imagem utilizada para reforçar a crença na doutrina da IURD e na corporificação do mal que, nesse caso, estaria materializada nos corpos modificados.

5. A *Bod mod* [11]

> Se somos o que nos afeta, o que interage conosco, somos o que vemos. Para alguns, em um tempo onde o que vemos – e não só o que vemos – muda frequentemente, acordar dia após dia possuindo uma suposta aparência constante e imutável revela um descompasso entre corpo e o entorno.
>
> Dentre estes, os adeptos da *body modification* – possuidores de corpos mutantes, nos quais a condição de *Ser* passa para a condição de Estar – fazem surgir novas percepções e novos comportamentos que, de forma crescente, já se encontram presentes em nossa sociedade. Corpos mutantes, materialidades ates inexistentes que agora se tornam reais. (PIRES, 2009:25)

O corpo não é um dado natural, como já se acreditou por milhares de anos, mas sim uma construção corporal, tanto discursiva quanto biossocial, um projeto que não é definitivo, capaz de produzir, além de si mesmo, novos paradigmas e dimensões estéticas; ele é continuo, modelável e reformulável. Ao modificarmos nosso corpo seja da forma que desejar, imprimimos nele determinados signos e códigos morais, ou se está inserido na norma hegemônica da corporalidade ou é alocado no espaço destinado as corporalidade dissidentes. As modificações compreendidas nesse trabalho se encaixam nesse segundo espectro, pois não seguem a lógica estética imposta em nossa sociedade e trazem à tona formas inimagináveis de contornos corporais e possibilidades de existência. Aqui o corpo é construído de acordo com o próprio desejo e seus limites.

Vivemos em uma sociedade completamente globalizada onde as características próprias tendem a se diluir em meio aos demais corpos, todos os aspectos da vida são atingidos por mudanças bruscas e, nesse contexto, é possível que o indivíduo construa seu próprio corpo conforme as suas próprias preferencias. Ao romper com a fronteira da pele através de incisões, perfurações e implantações, modifica-se os contornos e a ele é acrescido novas dimensões estéticas que retiram o corpo de seu invólucro estável rompendo paradigmas sociais em relação à ele. A *body modification* nos proporciona uma nova realidade que faz interpelar as noções pré estabelecidas sobre natureza e cultura, aqui se sai do bidimensional e através da pele é possível criar tridimensionalidade, a escarificação e os implantes subcutâneos trazem esse aspecto em comparação com as modificações mais "tracionais" como tatuagem e *piercings*.

Devo inicialmente separar as formas de modificação corporal e delimitar exatamente o grupo compreendido nesse trabalho. Grosso modo, podemos separar dois grandes grupos das

[11] Bod Mod é o termo diminutivo de *body modification* (modificação corporal) e, é também o termo utilizado pelos meus interlocutores para denominar as suas práticas. Durante o decorrer do texto esse termo irá aparecer muitas vezes por ser a forma notada etnograficamente.

modificações corporais: primeiro aquele formado por indivíduos que buscam seguir ao máximo os padrões de beleza e estética hegemônicos na sociedade, reforçam características lidas socialmente como “naturais”, ou seja, características consideradas inatas ao gênero humano. Podemos citar dentro dessas modificações a colocação de silicones, cirurgias plásticas, lipoaspiração e, até aquelas que passam despercebidas pois já estão completamente introjetadas em nossa sociedade como o corte de cabelo e barba, a pintura e corte das unhas, maquiagem e etc. Já o segundo grupo, que compreende os interlocutores dessa pesquisa e que nesse trabalho estão sendo considerados no espectro da *body modification* são aqueles que para modificar o próprio corpo se utilizam de características e elementos que são lidos socialmente como não humanos ou não naturais. As modificações aqui compreendidas são: bifurcação de língua, colocação de implantes subcutâneos, *eyeball tatto,* escarificação e suspensão corporal. Nesse último grupo ao qual dedico esse trabalho percebemos que as marcas corporais aqui realizadas trazem em si elementos culturais que codificam o olhar despejado nesses corpos e, ao não seguirem o padrão estético imposto e adicionarem a seus corpos elementos considerados não humanos esse grupo acaba por ser impelido à categorias sociais estigmatizantes e de exclusão.

Essa nova linguagem trazida em seus corpos não é lida da mesma maneira que os adeptos das modificações corporais a sentem, pois seu real significado só é conhecido pelo indivíduo modificado, criando assim uma linguagem codificada e, acabam por causar impacto em indivíduos que veem no corpo um caráter sagrado, de preservação e que deve ser guardado para intimidade, não deve ser exposto – isto é, deve ser preservado e não exposto se a modificação não estiver em conformidade com a moralidade vigente pois, como sabemos, a exposição de corpos nas mídias e demais meios são extremamente frequentes e veiculadas como um forma de consumo em massa e de imposição de uma estética.

As corporalidades produzidas pela *body modification* proporcionam novas formas e texturas corporais introduzindo e acrescentando novos elementos a seus corpos, fazem dele algo novo, diverso, surpreendente e, além disso acabam por modificar também a relação entre o corpo e a cultura pois colocam à percepção a necessidade da mudança das normas e dos interesses implícitos na dinâmica da sociedade. A maneira pela qual o corpo se posiciona e se relaciona socialmente é completamente atrelado aos fatores externos de mudanças políticas, sociais, econômicas, tecnológicas e cientificas e refletem na forma em que a cultura absorve as diferentes corporalidades.

Pires (2005:71) situa o crescimento em nossa sociedade dessas técnicas de *body modification* no início dos anos 70, período em que segundo a autora essas técnicas começaram a ser divulgadas, assimiladas e praticada por um maior número de pessoas: "é a partir dali que se intensificam e se aceleram as relações e as interferências que o corpo vem experimentando no âmbito da estética, do sexo, das crenças, da ciência e da violência." O movimento *punk* que começou nessa década trouxe em sua corporalidade elementos metálicos que por sua estética remetiam a agressividade, além contestarem a ordem estabelecida e serem compreendidos como agressivos, acabaram por preparar o terreno para a chegada do *piercing*. O cuidado requerido pela pessoa após a perfuração e no ato de sua transformação, não só do *piercing*, mas em especial das modificações aqui abordadas, que necessitam de instrumentos perfurantes ou cortantes levam o senso comum novamente a associar as práticas a violência e a dor.

> O que forma nosso contorno e separa o que externo do que interno é a pele. A alteração desse contorno, seja pela modificação do formato, seja da cor, impressiona a maioria das pessoas.

Pois...

> Se o homem é feito a imagem e semelhança de Deus, e se Deus é perfeito e supremo, por que motivo o homem quer mudar sua aparência? Queremos deixar de ser "perfeitos"? Distanciar-nos de Deus, ou assumir seu lugar? (PIRES, 2005:97)

Além do medo da dor, do desconhecido e da dificuldade em se permitir conhecer novas corporalidades, o choque e incomodo sentido por um indivíduo que se enquadre nas normatividades sociais me parece estar relacionado a dificuldade em compreender a liberdade do corpo e das vontades individuais e, à experimentação e a ampliação das potencialidades do corpo proporcionadas pela *body modification.*

5.1 Os Modernos Primitivos[12]

Fakir Musafar é um americano nascido nas década de 30, diretor e professor da *Fakir Body Piercing & Branding Intensive,* a única escola do estado da Califórnia licenciada para cursos de modificações corporais, e um percursor do termo conhecido como *modern primitives.* Esse termo surge em 1967 para designar a vida de indivíduos membros das sociedades industriais e capitalistas, baseada na razão e logica, mas que colocam o corpo como um centro de experiências. Para essas pessoas o conhecimento está relacionado as sensações do corpo,

[12] Nesse trabalho essa expressão se refere aos adeptos das práticas de modificações corporais que incluem em seus corpos características consideradas não humanas e que não tem por objetivo alcançar o padrão de beleza imposto em nossa sociedade e que, não necessariamente, baseiam suas mudanças nas práticas observadas nas chamadas "sociedades primitivas".

assim como nas sociedades tradicionais que a milhares de anos praticam modificações corporais. Fakir adota esse termo em 1978.

> O caráter místico, o intuito de transcendência, o desejo de ultrapassar os limites físicos como forma de fortalecer a alma e delinear o caráter, de dar oportunidade ao psíquico, de expressar-se concretamente sobre o suporte a que está vinculado, de trazer à tona, de vivenciar, mais do que isso, de corporificar o inconsciente, de dar matéria ao imaterial é o que sempre guiaram esse homem. (PIRES, 2005:104)

Em nossa sociedade podemos observar duas maneiras de adquirir uma modificação corporal, aquela em que o próprio indivíduo pode realiza-la - modificações diárias e convencionais, e aquela em que é necessário a procura de um profissional especializado – *piercings,* tatuagens e todas as modificações compreendidas nesse trabalho, sejam tatuadoras, *piercer,* ou algum modificador profissional que, segundo Braz (2006:24) "A *body modification* vem sendo afirmada nos últimos anos como um campo profissional (e artístico) independente, com técnicas, saberes e um aparato discursivo próprio, em várias partes do planeta."

Fakir observa que essas modificações tem um caráter ritualístico e as classifica como *body plays* (jogos com o corpo), dando a essas práticas um caráter lúdico, em que o prazer e a diversão são parte intrínsecas à elas. Para ele qualquer modificação com o corpo é resultante de um de uma possível memoria ancestral. A execução dessas modificações que implicam necessariamente uma manipulação, acaba por produzir uma tomada de consciência do indivíduo sobre seu próprio corpo, produz um conhecimento de si.

A pele enquanto uma espécie de involucro que nos faz semelhantes, ao ser aplicada uma modificação provoca o efeito de nos diferenciar pelo fato de, adicionar ao corpo um objeto "não natural" permitindo assim, a incorporação em uma região real a abstração de trazer a pele uma marca com um caráter definitivo de não se transformar com o tempo – a pele tende a se transformar com o passar do tempo e da idade, a modificação corporal traz um caráter definitivo ao imprimir na pele uma marca que não deve se deteriorar com o tempo.

> Limites alterados. Contornos vazados, estendidos, dilacerados. Elementos introduzidos, membros amputados. Superfície diferenciada por novas texturas, cores, padrões. Modificar o corpo, através de qualquer uma das técnicas aqui pesquisadas, significa alterar, em maior ou menor escala, o órgão que nos delimita, que separa o uno do todo e nos identifica: a pele. (PIRES, 2009:68)

Ao ser necessário transpassar a pele para aplicação da modificação logo se pensa no caráter envolvido pela dor, algo que para quem se modifica não a percebe como insuportável, mas sim uma parte do processo que gera conhecimento de si a partir da alteração de uma estado de

consciência. Ainda segundo Pires (2005), a sensação de desconforto sentida por pessoas quando veem um corpo sendo modificado ou que já se modificou deve estar relacionada ao fato de associarem as modificações à interferências acidentais não voluntarias. Nas modificações aqui compreendidas a questão da dor já é esperada pelo indivíduo e isto faz com que não haja uma espécie de combate contra ela, mas sim uma produção de mecanismos conscientes necessários para que se utilize dela criando meios de superação. Os povos tradicionais acabaram por fixar a dor como parte inerente de seus rituais de passagem, como fonte de crescimento e amadurecimento e, isso pode ser percebido na maneira como a dor é encarada entre os praticantes das modificações corporais. Em nossa sociedade a dor passou a ser lida não como uma sensação inerente a humanidade e uma condição para a prevenção contra algum mal, mas acaba por ser lida como o mal em si mesmo. Como uma construção social, a percepção da dor deve fazer parte do mecanismo que associa as práticas à malignidade pois, além da leitura do corpo diabólico através da representação social, infere-se o mal também pelo imaginário do indivíduo modificado estar buscando a dor como um objetivo.

> Os rituais fazem parte, com maior ou menor grau de intensidade e\ou variação, de todas as sociedades. Eles tem a finalidade de situar os indivíduos – que partilham de ansiedades comuns causadas pelo constante e simultâneo sentimento de perda e ganho que os momentos de transição impõem -, e de conduzi-los aos conceitos morais, éticos e estéticos que farão parte de suas vidas a partir de então. [...] O foco do rito, o objeto sobre o qual ele se inscreve, é o corpo; é a transformação desde que viabiliza e legitima a mudança do indivíduo perante a sociedade. Entre nós ocidentais, os ritos de passagem geralmente são marcados socialmente, não fisicamente. (PIRES, 2005: 124-125)

Poderíamos inferir que por fazer parte do cotidiano e ser realizadas quase sempre as modificações convencionais – como cortar as unhas e os cabelos por exemplo, que são repetidas durante toda a vida devem possuir seu caráter ritualístico mas, por serem realizadas constantemente em intervalos de tempo não muito grandes elas acabam por não causar uma reação de percepção profunda na maioria das pessoas e não servem como uma maneira de marcar uma transição ou um momento importante. Quase automáticas não são interpretadas socialmente pela maioria das pessoas como uma transformação corporal – elas já foram absorvidas e introjetadas, não gerando nenhum tipo de reação especifica pois são realizadas de acordo com as normatividades sociais.

Entre as modificações corporais realizadas pelas sociedades tradicionais e as modificações realizadas nas sociedades urbanas poderíamos inferir que o maior diferencial está inscrito na relação com que ambas estabelecem com o tempo (o momento em que a marca é feita) e o motivo pelo qual a marca foi feita. Em nossa sociedade as modificações são realizadas

quando os indivíduos já se sentem preparados, é algo programado e que de preferência a pessoa já esteja "pronta" para realiza-la; a inciativa acontece por vontade pessoal, o indivíduo sente o desejo de possui-la e não é a sociedade que impõe – ao contrário das tradicionais. Registra-se no corpo uma marca que simbolize algo que já aconteceu, e não uma passagem para algo que virá, a marca simboliza um fato ocorrido, uma memória e acaba por ser transformada em um código inscrito no corpo e, talvez esse ato de codificar que permite ao corpo modificado criar um segredo visível e possuir uma diferenciação aos demais gerando um certo poder que desperta nos demais indivíduos e na sociedade como um todo uma sensação de mistério, de curiosidade. O poder do corpo modificado está em provocar sensações múltiplas nos demais corpos que seguem a mesmice da corporalidade hegemônica.

A relação estabelecida nas modificações corporais aqui compreendidas acabam por criar uma independência na correspondência entre corpo-objeto e espaço-tempo – elas não geram distinção entre o artista e a obra, entre o sujeito que cria e corpo a ser criado e, o evento ou memória que deu origem a modificação é deslocado do tempo em que ocorreu pois está inscrito no corpo (independente do espaço que este ocupe). Sujeito e objeto aqui fundem-se, sendo o evento artístico o tempo de vida do próprio indivíduo pois, a obra e exposição estão inseridas em sua pele. Forma-se aqui uma unidade entre a realidade, inscrita no corpo, e o desejo, conhecido apenas pelo possuidor da modificação, desta maneira aumenta-se a auto estima ao promover uma ligação entre a unidade do indivíduo e o todo que o cerca, manifestando seu "verdadeiro eu"[13].

Os adeptos da *bod mod* promovem os chamados shows alternativos ou *Freak shows* (show estranho), onde além de mostrarem seu próprio corpo – considerado por grande maioria da sociedade como estranho, se utilizam de elementos com sentido simbólico – maquiagens, roupas especificas e as próprias modificações, fazendo interagir tanto em quem se apresenta quanto o público que assiste e trazendo à tona sensações e sentimentos complexos, profundos[14]

[13] O discurso de que a modificação proporciona a concretude de um verdadeiro eu foi inúmeras vezes relatadas a mim em campo, muitos modificados dizem não se sentirem bem, ou completos, com a própria aparência até começarem a realizar as modificações. Elas proporcionaram, segundo eles, o encontro entre o que está por "dentro" do corpo e o externo (a pele).

[14] Alguns dos interlocutores dessa pesquisa que costumavam se suspender em eventos públicos me relataram não participar mais dos "eventos abertos" pois a reação das pessoas em volta costumava atrapalhar suas performances. Daí, segundo eles, infere-se que os sentimentos causados no público em geral tendem a ser profundos, no sentido de as reações despejadas neles através do olhar atingirem sua performance pessoal.

e que mexem com inúmeros tabus[15] corporais. Talvez podemos compreender essa gama de sentimentos controversos e profundos que as modificações provocam, aqui principalmente as suspensões, ao fato de elas trazerem para a realidade aquilo que estava alojado no imaginário e que nessas apresentações tornam-se concretos. Os limites a serem superados não se pautam apenas para quem está se suspendendo – que geralmente já possuem uma relação distinta com o próprio corpo mas, principalmente exigem superação ao público que deve repensar a sua relação com os demais corpos e as possibilidades que este traduz.

> Do espetáculo feito em praças públicas, arenas, altares, templos, aulas magnas de medicina, às performances de suspensão, aos *freak shows.* Fascínio que se esconde sob o horror. Ambos pessoais, intransferíveis, mas compartilhado por todos.
> Em comum tais "espetáculos" – que são realizados por diferentes motivações e abrangem variadas áreas sócio-culturais como a judicial, politica, religiosa, cientifica e artística – possuem o objeto sobre o qual atuam e repercutem: o corpo humano.
> Substituir, acrescentar, agregar. Náuseas provenientes da dor, da sensação de dor que se imagina que o outro sente. Espelhos que se refletem num labirinto infinito. (PIRES, 2009:98)

Em nossa sociedade há uma grande valorização do individual, do exclusivo e me parece um tanto quanto contraditório que a indústria da beleza e das transformações corporais convencionais se pautem de um estratégia que produza cada vez mais corpos homogêneos. Esse mecanismo gera um estabelecimento dos limites que a modificação pode ter, dos limites que o próprio corpo pode alcançar ao se modificar. Ao mesmo tempo que prezamos pelo individual e exclusivo repudiamos e tratamos com total estranheza os corpos que não se enquadram em uma corporalidade homogênea, similar. Queremos nos diferenciar mas apenas dentro dos limites impostos pela estética do corpo e da beleza, o corpo dissidente choca e traz à tona os preconceitos e tabus referente ao corpo. Segundo Pires (2009) "Ao alterarem suas silhuetas, diferenciando-as da espécie humana e colocarem em foco elementos que ressaltam quantidades atribuídas a outros seres, os adeptos das modificações corporais questionam a superioridade do homem, avalizada pelo cristianismo."

De acordo com os relatos obtidos em campo e com a perspectivas dos adeptos da *bod mod* - que serão expostas no próximo tópico, a modificação do corpo promove uma nova realidade a seu possuidor, realidade que não se pauta pelos ritos sociais e é responsável por trazer ao material formas imaginarias, fixando no corpo pela própria vontade códigos que

[15] De acordo com Pires (2009) "[...] o termo tabu por um lado designa o que se relaciona com o sagrado, por outro lado, indica o que se liga ao impuro, proibido, perigoso. Todo tabu pressupõe um mistério e um impedimento, uma não-explicação racional e uma aceitação."

exprimem inquietações – individuais e sociais, desejos, agindo como um elo de ligação entre o corpo que é físico e aquele que é mental – no sentido de unificar o que o indivíduo sente e pensa com a forma que ele se comunica com o mundo ao redor ou seja, seu próprio corpo. Mostrada em carne e osso e colocada em primeiro plano como um centro de interferências artísticas, o corpo modificado representa novos espaços e grandes possibilidades de vivencias, ele sai do âmbito privado e atinge o público, desperta curiosidade, desejo, repulsa e sentimentos complexos e contraditórios.

5.2 Os Diabos Mutantes

> Nós chegamos e nos instalamos em todos os cantos
> Não precisamos nos apresentar pro massacre começar
> Vocês já nos conhecem de seus filmes B
> Fingem que não existimos, tentam nos esconder
> Não querem acreditar que estamos no meio de vocês
> Nós queremos, nós tomamos
> E não nos importamos
> Nós somos diabos mutantes
> Fecundando humanos[16]

Acredito que a melhor maneira de começar essa parte do trabalho seja mostrando de início a música que deu origem ao nome do grupo de suspensão e modificação corporal Diabos Mutantes, não pela letra em si mas pelo significado que os termos adquirem na modificação corporal e que será peça central na discussão proposta por esse trabalho. Antes de inicia-la gostaria de expor um relato etnográfico de como encontrei esse grupo e entrei em contato com meus interlocutores.

Em 2014 o tema da associação da *bod mod* com a imagem do diabo já havia aflorado em minha mente e eu estava adquirindo as referências bibliográficas necessárias para elaborar um projeto de pesquisa que desse conta da minha inquietação. Havia assistido também ao episódio do programa *Taboo* como já colocado na introdução e estava à procura de casos reais que pudessem me dar embasamento para elaboração de uma questão sociológica. Desde a adolescência eu acompanhava blogs e os fotologs, que eram muito comuns na época, de pessoas modificadas ou entusiastas no assunto; dessa forma, já sabia quem eu deveria procurar. Após muita pesquisa sobre grupos e profissionais que realizam as modificações e suspensão acabei encontrando o grupos Diabos Mutantes, com o nome que cairia perfeitamente para a investigação proposta. Se a religião através da categoria diabo aloca corpos considerados como

[16] Zumbis do Espaço – Diabos Mutantes, letra disponível em https://www.vagalume.com.br/zumbis-do-espaco/diabos-mutantes.html. Acessado em 27 de dezembro de 2016.

malignos, de que maneira a *bod mod* ao se apropriar desse nome, propõe e produz uma nova significação? Era essencial que eu entrasse em contato com essas pessoas.

Entrei em contato primeiramente com Karine Guimarães que demonstrou muito interesse pelo assunto. Por não compreender também porque a sociedade que consume inúmeras intervenções corporais acabam por delimitar alguma formas de maneira pejorativa de acordo com o lugar do corpo escolhido para intervenção, marcamos pela primeira vez, em fevereiro de 2015, nosso primeiro encontro que iria acontecer na sua própria casa. Ao mesmo tempo havia enviado um e-mail para Ângelo Martinez (Du), fundador e atual porta voz dos Diabos Mutantes, onde não obtive êxito, recebendo uma recusa. Nesse momento eu pensava que seria de extrema importância conversar com as outras pessoas para compreender os motivos que levaram ele a recusar meu contato. Foi aí que me encontrei com Karine.

Karine Guimarães, também conhecida como kahkilla, tem atualmente 27 anos e é tatuadora desde os 17, sendo seu primeiro contato com a modificação corporal aos 16 anos em Petrópolis-RJ sua cidade natal e onde conheceu João Caldara que possuía algumas intervenções e a apresentou a suspensão corporal. A primeira modificação extrema que realizou foi em 2011, uma bifurcação de língua. Desde então Karine seguiu fazendo intervenções em seu corpo e realizando suspensões corporais em busca de atingir uma estética que a fizesse, conforme disse, se sentir completa com si mesmo, atualmente ela reside na cidade de São Paulo, onde trabalha como tatuadora independente, e também viajando ao redor do Brasil e da América Latina onde passa temporadas fazendo tatuagens em diferentes estúdios. Nosso primeiro encontro foi extremamente tranquilo e o fato de ela me receber em sua própria casa me proporcionou uma sensação de conforto para que pudesse entrar na discussão que havia proposto.

Havia comentado desde o início que para realizar o trabalho de forma que a percepção dos modificados estivesse em evidencia seria muito importante que conseguisse conversar com as pessoas mais importantes do cenário, inclusive com Du que parecia ter me fechado todas as portas. Foi nesse ponto que Karine me expôs os acontecimentos que levaram de certa maneira aos modificados se recusarem na maioria das vezes a conceder entrevistas. Em 2013 Karine concedeu uma entrevista ao programa jornalístico Domingo Espetacular[17] da TV Record que se propôs a abordar a pratica do *eyeball tatto* que ainda era recente no pais. No início da reportagem já podemos perceber o viés da "esquisitice", depositada nos corpos modificados, que as falas dos repórteres e das pessoas que são abordadas na rua para vê-los possuem,

[17] O vídeo pode ser assistido na integra em: https://www.youtube.com/watch?v=zbOrCM2BEdc. Acessado em 28 de dezembro de 2016.

associando em muitas vezes a algo maligno e até a uma aparência de zumbi. Por mais que se mostre a maneira como os modificados encaram essa pratica e que em nenhum momento foi nociva para nenhum deles, suas falas são intercaladas com discursos de médicos e "especialistas" que atentam para o possível perigo que a pratica pode causar e que em certo momento é tratado por um oftalmologista como "um caso de polícia"[18].

Karine assinou um contrato cedendo sua imagem apenas para esse programa em especifico e não para a emissora mas, mesmo com o contratado assinado, Karine e os outros participantes modificados tiveram sua imagem usadas em um programa que vai ao ar de madrugada e que se chama "Fala que eu te escuto". Nesse programa eram passadas repetidamente imagens que focalizavam nos olhos, na língua bifurcada e nas demais modificações e seguia com uma descrição abaixo que davam algumas opções para que a pessoa se modificasse de tal maneiras: revolta com a família, pacto com o diabo e mais uma na qual minha interlocutora e nem eu, que assisti ao vivo a essa reportagem, não conseguimos nos lembrar. Esse vídeo do "Fala que eu te escuto" nunca foi encontrado na rede e nem no site da emissora onde dispõe de uma página apenas para os vídeos e reportagens do canal.

> *Karine: (...) não Cris, esse vídeo ele nunca foi pra internet, eu nunca encontrei, o mais estranho é isso, eles nunca botaram em nenhuma rede, não tem no youtube, não tem em nada! (...) a única coisa que eu tenho, eu procurei muito postei no facebook meus seguidores procuraram, os mais nerds que conseguem achar tudo não encontraram, não existe esse vídeo na internet e, a única coisa que eu tinha eram fotos que as pessoas tiraram da tela entendeu¿ mas eu não lembro mais quem são essas pessoas pra eu procurar na conversa e tal, e ai eu lembro que tinha no google umas imagens e tal mas a reportagem mesmo não tem. Acho que vale a pena você retratar que minha entrevista foi cedida por um programa jornalístico que foi o Domingo Espetacular, não tinha nada a ver com fundos religiosos (...) no contrato que assinei eu não estava cedendo minha imagem para a Record e sim para o programa e eles fizeram o que fizeram, passando por cima de qualquer contrato e de qualquer lei.*

[18] Em sua fala durante essa reportagem o oftalmologista diz que apenas um médico pode aplicar qualquer substancia no olho de uma pessoa e que o modificador que fez isso está exercendo ilegalmente a medicina e por fim insinua que o mesmo deve ser denunciado, toda sua fala é acompanhada de uma sonoridade de filme de suspense ao fundo. Essa discussão sobre a modificação corporal como uma prática ilegal será tema dedicado de meu próximo trabalho.

Já foi debatido anteriormente que a Universal do Reino de Deus, da qual seu fundador é também dono da Rede Record, possui uma certa obsessão pelo diabo e pelos corpos modificados, ela é a emissora que mais convida pessoas modificadas para participarem de entrevistas que em todas as vezes não deram certo. Ao descobrir que sua imagem havia sido usada de forma pejorativa e sem o consentimento dos envolvidos, Karine e os demais participantes procuraram ajuda legal para seguir com o um processo que os indenizasse pela forma totalmente destorcida na qual sua corporalidade foi utilizada pela emissora. Esse caso gerou uma repercussão geral entre os adeptos das modificações e amigos próximos dos participantes formando uma espécie de barreira para que outra formas de abordagens pudessem acontecer. Há inúmeros outros casos da forma maliciosa e tendenciosa que essas abordagens da mídia sobre o assunto acabam por reproduzir. Ao ser liderada por símbolos religiosos a Rede Record nos parece querer cada vez mais reafirmar a corporalidade diabólica reproduzida por todo o imaginário cristão. Karine também me relatou muitas situações constrangedoras que já vivenciou:

> *Karine: (...) já fui constrangida com nomes pejorativos, já aconteceu de chamarem mesmo de diabo e fazerem sinal da cruz atrás de mim. Uma vez eu estava almoçando, naqueles restaurantes self service, e atrás de mim tinha uma senhora rezando e tal, desconjurando e fazendo sinal da cruz atrás de mim. Na real eu nem tinha notado que era comigo e uma amiga que estava junto, na frente, que viu e começou a ficar bem nervosa. Eu fiquei bem constrangida mas não quis brigar, na verdade minha amiga que ficou bem brava (risos). Eu meio que ignorei na verdade.*

Após o relato do ocorrido com a rede de televisão e a situação transcrita acima, perguntei a ela de que forma ela enxergava essa associação com o diabo e se a modificação corporal possibilitava uma nova abordagem a essa corporalidade e a representação do diabo.

> *Eu acho que eles associam o nome diabo de uma forma religiosa por ser uma coisa já implantada na sociedade, de verem nos livros e em filmes mesmo, como um símbolo de maldade, sempre um ser com chifres, as vezes com os olhos pretos ou não né, tem várias vertentes diabólicas mas todo mundo sempre associa como uma coisa ruim, uma coisa das trevas e eu acho que as pessoas que nos agridem na rua falando esse tipo de coisa são pessoas que tem esse tipo de imagem implantada de diabo, que é uma coisa que na verdade a gente tem desconstruído com o tempo.*

> *A bod mod de certa forma tem desconstruído isso né, eu tenho vários amigos que tem essa aparência de diabo, essa aparência pregada né, que não conheço nenhum que seja por fim religioso assim, nenhum mesmo, que tenha tipo colocado chifre por culto a satanás, por ser satanista ou sei lá o que. Na verdade isso é uma coisa que a gente até tira sarro e piada porque tem muita gente que pergunta se as intervenções que a gente traz no nosso corpo tem a ver com associação religiosa e tudo. Pra mim e pros meus amigos mais próximos, que eu conheço, não tem nada a ver com isso, é uma questão estética mesmo e que na verdade nem ofende a gente, a gente brinca chamando de diabo e enfim.*

Passados os relatos que foram transcritos acima e após compreender as questões envolvidas para a possível desconfiança que os modificados possuem ao ser requeridos para falar sobre suas práticas pedi para a Karine que intercedesse com o Du para que eu conseguisse marcar um encontro com ele e através da nomeação do seu grupo de suspensão entender melhor a maneira da ressignificação desse termo. Os dois são amigos e Karine faz parte do grupo de suspensão, inclusive me foi relatado por ela que antes de conhecer os diabos ela se suspendia com outras pessoas que possuíam um viés mas espiritual e que após conhecer Du viu que a suspensão podia abarcar outras sensações como a adrenalina, a pura curtição, a transcendência dos limites do corpo e etc. Para ela, além da música que deu origem ao nome que já era de seu conhecimento, a ênfase dada pelo grupo na execução de suas práticas já davam indícios da maneira que a categoria diabo era encarada por eles. Me disse também que eu deveria entrara em contato com T Angel, um outro modificado e "porta voz" da galera, como ela me disse, pois em todas as situações de constrangimentos e tentativas de cercear as práticas de modificação corporal, T sempre se pronunciava publicamente e abria portas para o diálogo e para a circulação das ideias dos adeptos das modificações corporais. Ela só me deixou bem claro que, "para chegar até o T você precisa falar com o Du antes".

Me encontrei em uma situação em que se eu não conseguisse me encontrar com o Du não seria possível dar prosseguimento a pesquisa, pois era necessário estar em contato com as pessoas mais importantes do cenário, aquelas que desempenham um papel público para disseminar as ideias e percepções do meio, resolvi entrar em contato direto com T pensando que se eu tivesse sucesso com ele conseguiria chegar até o Du. Consegui seu e-mail e escrevi contando da minha ideia e com o projeto em anexo e, demostrando muito interesse T me mandou seu telefone pessoal para que conseguíssemos conversar de forma mais fácil, dado que

não tenho facebook e esse foi um dos motivos do contato acontecer com mais dificuldade.[19] T me convidou para o lançamento de seu livro “A Modificação Corporal no Brasil - 1980-1990” onde poderia o conhecer pessoalmente e estar em contato com outros modificados que estariam lá, falei com a Karine se ela iria e se poderia levar o Du porque seria uma oportunidade de nos conhecermos e ele me dar alguma credibilidade, porém iria acontecer um evento no mesmo fim de semana do lançamento e ambos não poderiam comparecer.

Chegado o dia do lançamento fui até o lugar indicado, em um sobrado havia a entrada com recepcionistas que indicavam que ali haviam salas com mostras de algumas performances realizadas por T e no último andar (na laje) estaria acontecendo o lançamento. Passei por todos os lugares indicados observando luzes, decoração e instrumentos utilizados para as modificações corporais, seringas, agulhas, ganchos e algumas marcas de sangue, todo o ambiente de mistério me deixava cada vez mais curiosa para conhecer a pessoa responsável por toda aquela arte, subi as escadas e logo de cara me deparei com T. Extremamente educado me recebeu com muito carinho, uma pessoa na qual ele nunca havia visto na vida, me falou para me acomodar que logo ele iria ir falar comigo. Me acomodei com mais uma amiga que me acompanhou e o lançamento começou a ocorrer. Só haviam pessoas modificadas estando nós completamente destoante da estética ali produzida sendo que, em nenhum momento me senti constrangida ou observada e isso me deixou claro como deveria ser incomoda uma situação de constrangimento, ninguém havia me deflagrado uma palavra ou um olhar de desconfiança mas, eu mesma sentindo a minha corporalidade sendo muito diferente das outras que estavam no local pude repensar as relações entre corpos que a sociedade produz.

Completamente seduzida por toda estética e pela forma querida a que fui recebida pude conhecer T Angel e conversar um pouco sobre a proposta da minha pesquisa, totalmente acolhida e com total apoio T reforçou os casos envolvendo a mídia e outros meios de comunicação mas disse poder entrar em contato com o Du para que houvesse um diálogo dada a importância que ele via na produção acadêmica sobre o assunto e na necessidade de o conhecimento sobre a modificação do corpo ser produzido a partir da fala de quem se modifica e quem sente na pele. Como nesse evento em especifico o encontro se daria mais para nos conhecermos, ficamos de marcar posteriormente um outro momento para expor exatamente as questões que circundam meu trabalho e podermos discutir sobre elas. A primeira delas era a de

[19] Em todos os encontros que estive conhecendo novos modificados além dos casos da mídia eles me falaram inúmeras vezes que o fato de eu não ter um facebook gerava desconfiança pois eles não conseguiam ver o meu rosto e assim as minhas intenções.

conhecer origem do nome T Angel e como esse nome se comunicava com as modificações corporais.

T Angel tem 34 anos é formado em licenciatura em História, onde dedicou sua produção acadêmica à história das modificações corporais no brasil, coordena um grupo de pesquisas sobre modificação corporal, ministrando palestras e divulgando a pluralidade da *bod mod.* Mora na cidade de Osasco-SP, mas vive imerso no mundo das modificações corporais onde exerce uma função basicamente política de colocar em discussões os temas que perpassam a sociedade, no que tange as modificações corporais. É também criador do site *Frrrk Guys*[20], uma plataforma online dedicada aos corpos modificados e as novidades envolvendo a temática.

> *T Angel: Eu sou T. Angel, esse tem sido meu nome há um tempo e gosto dele. Cortei propositalmente o artigo definido, uma vez que não me reconheço dentro da norma binária de gênero. Esse nome surgiu como parte de minhas vivências e histórias pessoais. Em resumo, eu tenho viva em minha memória uma imagem onde eu caia do céu. Quando eu era criança, minha mãe conta que eu vivia cantarolando uma música (que não existia) e quando me questionavam de onde era a tal canção eu afirmava que era o que tocava enquanto eu caia do céu. Infelizmente naquela época os recursos audiovisuais tecnológicos não eram como agora, com isso não tenho registros dessas minhas ações, é apenas uma história oral. A música eu não me recordo mais, mas a imagem da queda é ainda muito clara na minha mente.*
>
> *Quando comecei a fazer os meus primeiros trabalhos com arte, passei a assinar como T. Angel e assim ficou. Além da minha mitologia pessoal, a figura do anjo sempre me despertou interesse, por não terem uma definição de sexo e gênero e toda mitologia que ronda essa figura no cristianismo também me interessam, embora hoje eu seja uma pessoa ateia. Eu tenho 34 anos. Minha história com as modificações corporais – piercing, tatuagem, etc - começou ainda na minha adolescência, algo como vinte anos atrás. Sempre tive interesse por corpos não normativos e na minha adolescência entrei em contato com movimentos de contracultura e tudo se tornou possível. A primeira intervenção em meu corpo além da tatuagem e piercing, foi com a escarificação feita com ferro quente (branding)*[21] *em 2002. Em 2006 fiz meus primeiros implantes subdermais no peito. No ano seguinte fiz implantes transdermais na testa, como chifres*

[20] Para maiores informações: http://www.frrrkguys.com.br/. Acessado em 27 de dezembro de 2016
[21] T Angel possui essa escarificação nas costas que simboliza que suas assas foram arrancadas.

cibernéticos (mas que na realidade o plano era construir uma auréola cibernética) e também bifurquei a língua.

Além da própria nomeação, as marcas corporais de T expressam uma corporalidade angelical que no cristianismo estaria por se contrapor a imagem do diabo que mesmo sendo incialmente um anjo, Lúcifer quando é expulso do céu, adquire as demais características após se tornar o inimigo de deus. Ao ser questionado por mim se já havia vivenciado momentos de constrangimento, T reconhece que mesmo sendo anjo as situações de constrangimento e da associação da sua corporalidade com o imaginário diabólico ocorrem:

> *T: Incontáveis vezes. Na minha adolescência precisei correr muitas vezes para não sofrer violência física. Sofria ameaça na escola ao ponto de ter que pedir ajuda para direção, onde a orientação que recebi da instituição era para que eu não fosse mais usando meus piercings, ou seja, me culparam pela violência a qual eu estava sendo submetida. Fui em busca de outras escolas para poder estudar sem sofrer uma violência maior, mas era já o fim do meu segundo grau, optei em permanecer ali mesmo. Curiosamente eu volto no próximo ano para lecionar nessa mesma instituição onde vivi esse tipo de situação. Irônico, não? Nos anos 90 era muito comum as pessoas passarem por mim e se benzerem. Ser chamado de diabo e demônio era muito comum, assim como ouvir que eu tinha algum tipo de demônio dentro de mim e por isso eu era daquela forma. O meu corpo era sinônimo de tudo aquilo que era ruim. Hoje essa relação ainda existe, principalmente agora com o fundamentalismo religioso. Então é muito comum pessoas virem até mim para dizer que Jesus me ama ou que ele vai me salvar ou coisas do tipo. Quando isso acontece me sinto profundamente invadida, colonizada, violentada e não tenho mais a mesma paciência e simpatia que já tive no passado. Dentro das minhas vivências e ofensas que tenho enfrentado a categoria do diabo surge através de um viés religioso judaico-cristão, antes mais de grupos católicos e hoje de evangélicos de variada denominações. Que obviamente está amarrado com a ignorância e falta de contato com a pluralidade humana, que não é só estética, mas é também mística, religiosa.*

Prossegui nossa conversa perguntado para ele se era possível demonstrar as possibilidades que modificação corporal abria para uma nova significação até dos conceitos religiosos que no caso ele já havia sentido na pele.

> *T: Eu sou um anjo! Acredito que a body modification tem o poder de gerar novos significados em inúmeras esferas das humanidades. Não sei muito sobre novos significados para a categoria do diabo, mas sobre pensar o que um corpo humano pode ser. O belo, o feio, o monstro, tudo isso tem sido repensado e sinto que as modificações corporais tenham uma participação importante nisso. Veja, chifres até pouco tempo atrás era predominantemente ligados com a figura clássica do diabo cristão e de repente vemos um monte de pessoas com diferentes discursos carregando seus chifres nos mais variados lugares. O mais importante é que paremos de fazer tábula rasa da vida em sua grandiosidade e os chifres que forjamos em nossos corpos clama por isso. É urgente que a gente saia desse senso comum bobo que só reduz a nossa potência e existência. Estamos no século XXI e precisamos entender isso.*

O perguntei se ele sente que sua corporalidade o restringe de adentrar ao mercado de trabalho em comparação a uma pessoa que segue o padrão de beleza e possui a mesma formação e recursos que ele.

> *T: O mercado de trabalho é fascista e completamente fechado para todos os corpos que não estão no padrão branco, heterossexual, cisgênero e magro. O mercado de trabalho é capacitista, sexista, elitista e por isso temos as políticas públicas para tentar arrumar esse erro, essa aberração cognitiva. A body modification é apenas a gota que transborda o gargalo desse sistema violento, que precisa ser combatido. Recentemente foi publicado um material muito importante sobre isso pelo Governo do Paraná, onde os recrutadores analisam pessoas brancas e negras e fica muito evidente o racismo que ronda esse sistema. Há muito trabalho para ser feito e essa situação é uma daquelas que não podemos fingir que não está acontecendo, o enfrentamento precisa ser direto e diário.*

Como podemos observar entre os relatos transcritos as situações de constrangimento e de sentimento de privações não se restringem as casos citados aqui e apenas as pessoas que cederam sua história. Em campo estive com contato com inúmeros relatos de constrangimentos e de situações que apontavam para o corpo modificado como um indivíduo anormal, diabólico, maligno. Ou a corporalidade é associada ao imaginário diabólico ou infere-se que a pessoa

modificada possua uma pacto com o demônio. Além das situações cotidianas os adeptos das práticas de modificação corporal acabam por serem restringidos da maior parte do mercado de trabalho, que já englobam algumas práticas como tatuagens e piercings mas sempre em trabalhos que exijam essa corporalidade como um meio de promover alguma marca ou um determinado estilo de vida. Já as modificações consideradas extremas, englobadas nessa pesquisa, não são encontradas em todos os lugares ficando mais evidentes nas grandes capitais; esse fato fica muito claro quando percebo que todos meus interlocutores vivem na grande São Paulo.

> *Karine: Pra um corpo modificado, hoje em dia, ainda, o mercado de trabalho fecha um pouco com certeza. Eu percebo que em São Paulo bem menos do que nos outros lugares por sei lá as pessoas terem uma mente mais aberta assim e tudo (...) inclusive no aeroporto mesmo eu vi um dos caras que me atendeu do guichê tinha tatuagem na cara, nas mãos, eu acho bem bacana isso, tem gente que trabalho no metro e tem tatuagem exposta, tem gente que trabalha no mercado e tem expostas as tatuagens e modificações, mas, é difícil você ver o extremo e é difícil você ver essas coisas em outros lugares a não ser São Paulo. Eu digo porque eu viajo muito, vou em vários estados do Brasil e eu percebo que a realidade nessa capital é muito mais evoluída porém ainda muito retrograda, tem algumas lojas até que dão preferência pra quem tatuagem[22] e modificação corporal, mas é aquilo né, tipo assim, "ah não você é demais". Eu vejo que a tatuagem tem sido mais aceita do que modificação corporal. Modificação corporal já é uma coisa que é a mais, tatuagem tem sido mais aceita, quem sabe daqui a um tempo as pessoas aceitam bod mod como a tatuagem tem sido aceita hoje em dia.*

Desde 2015 quando entrei em contato pela primeira vez com alguns interlocutores, entre eles os citados acima, pude ir compreendo melhor porque adentrar ao espaço da *bod mod* me pareceu à primeira vista tão restritivo; alguns códigos como os corporais me pareciam necessários para que eu fosse aceita. Ao conseguir o apoio da Fapesp para a realização dessa pesquisa me senti na obrigação de forçar esse encontro pois já havia falado com várias pessoas que tentaram falar para ele me encontrar mas não obtinham sucesso, ouvi inúmeras vezes *"eu já falei pra ele que você é firmeza e tá do nosso lado, mas não sei o que tá acontecendo ele não*

[22] Algumas marcas de roupas, óculos e acessórios que se consideram "alternativas" procuram contratar pessoas que possuem tatuagens ou *piercings* de forma a legitimar o seu produto como sendo diferente das marcas mais convencionais.

quer falar com você, faz um facebook quem sabe", não fiz o facebook mas consegui seu número de telefone e mandei uma mensagem de áudio por whatsapp pois, quem sabe ouvido minha voz ele não me daria um voto de confiança, disse que estaria indo pra São Paulo no próximo fim de semana que estava disposta a ir até o estúdio dele pra podermos nos conhecer e conversando pessoalmente tentar com que ele compreendesse melhor o que eu estava querendo. De fato funcionou, como ele mesmo me disse algumas pessoas já haviam ido "trocar ideia" com ele sobre minha pessoa e a gente podia combinar sim. De forma aliviada avisei todos meus interlocutores e combinei com a Karine e o T, que estariam em São Paulo na data que eu iria, de irem comigo até o estúdio. E o grande dia chegou.

5.2.1 "Se eu tivesse visto sua cara cheia de furo teria falado com você"

Foi exatamente com essa frase que fui recebida por Du em nosso primeiro encontro, ao me buscar na linha de metrô logo explicitou que minha aparência dava uma certa confiança para que fosse possível trocar uma ideia sobre a minha pesquisa, também deixou claro que como eu não tinha facebook estava tudo meio estranho pois, se ele tivesse visto todos os furos da minha cara[23] não teria recusado me encontrar. Como já vivenciaram situações das mais variadas formas de constrangimento ter uma aparência em que haja algum tipo de modificação, no meu caso os *piercings*, parecia mostrar a eles que além de me interessar pelo tema eu possuía uma modificação em meu próprio corpo.

Ângelo Martinez, ou Du como é mais conhecido, tem 32 anos, trabalha como modificador corporal, *suspender*[24] há dez anos sendo que em 2006, junto com seu amigo Jimi tiveram a ideia de fazer a equipe de suspensão corporal com o nome da música ao qual ambos gostavam muito: Diabos Mutantes, atualmente se apresentam e suspendem outras pessoas dentro do Brasil e em eventos internacionais[25]. Ele também é dono de um estúdio de piercing e tatuagem na zona leste de São Paulo. Aos 16 anos ele fez sua primeira tatuagem e no ano de 2006 fez sua primeira modificação extrema: colocou implantes subcutâneos nas mãos, hoje ele possui a língua bifurcada, implantes subcutâneos nas mãos e na testa, além das tatuagens que cobrem todo o corpo. Com relação aos constrangimentos, Du me relatou que as situações foram

---

[23] Possuo alguns *piercings* visíveis como no lábio, septo e alargadores e, esse fato, de algum modo contribui para que eles reconhecessem que além do interesse de pesquisa eu também gostava da estética modificada.

[24] Suspender é o nome dado para as pessoas que realizam a suspensão corporal em outras, executam todos os procedimentos necessários e colocam o indivíduo no ar.

[25] Atualmente Du realiza as suspensões com outras pessoas que participam da equipe, seu amigo Jimi não faz mais parte.

inúmeras: já foi chamado de diabo e de monstro tantas vezes que a *cena em si* acabou por se misturar com todas as outras situações. De início Du me deixou claro que já deu inúmeras entrevistas e em todas elas teve a sua fala completamente destorcida, disse ainda que me daria um voto de confiança mas frisou que em todas as vezes as pessoas vieram com mesmo discurso de que iriam mostrar o ponto de vista deles sendo que, em todas elas, o resultado era bem diferente.

Após iniciarmos a nossa conversa de forma bem descontraída, que foi em seu próprio estúdio, Du me falou um pouco sobre como teve início sua trajetória dentro da modificação corporal e as técnicas na qual ele realizava. Me explicou sobre a técnica para cada modalidade de suspensão, os ganchos que eram utilizados e me passou todas as informações necessárias sobre procedimento pré e pós suspensão. Nesse dia era evidente como falar sobre suspensão deixava Du e Karine extasiados e, o tema do diabo que era minha principal indagação parecia ficar sobre as entrelinhas. Me foi relatado que a princípio o nome do grupo havia sido retirado da música de uma banda Punk, Zumbis do Espaço, mas que com o passar do tempo e os acontecimentos de constrangimento que sempre envolvem o nome do diabo, o termo teria adquirido novas significações.

> *Du: Sabe aquelas crianças encapetadas? agitadas que não param, é esse o significado de diabo para mim, estar com o capeta no corpo, adrenalina e superação dos limites, é isso. Mutantes é no sentido do corpo sempre estar em mutação.*

Du me relatou que sempre teve interesse na estética das modificações corporais executadas pelas sociedades tradicionais mas que, diferentemente do viés de espiritualidade que muitas delas enfatizavam, suas modificações e as suspensões corporais se bastavam como uma maneira de superar os limites do corpo e proporcionar cada vez mais conhecimento sobre o próprio corpo. Para ele todo o "conhecimento" sobre modificação corporal que é reproduzido pelos meios de comunicação são baseados no senso comum, deferidos por pessoas que não tem nenhum conhecimento sobre, não possuem experiência. Nesse ponto me pareceu que um dos requisitos para ser considerado como uma pessoa que possa falar com propriedade sobre as modificações é ser um daqueles que passaram pela experiência, sentiram em sua pele[26], em seu

[26] Durante esse encontro ouve uma discussão entre o Du e a Karine sobre a necessidade das pessoas que estão no meio terem participado de experiências com o corpo. Para Du seria impossível ser suspender sem nunca ter se suspendido da mesma forma que ele não daria credibilidade para um tatuador que não tem tatuagem. Karine aponta para uma diferenciação entre essas práticas não vendo problema em um tatuador não possuir tatuagem

próprio corpo, nesse momento pude mas uma vez reforçar o caráter que esse trabalho teria ao ser baseado essencialmente em suas falas e vivencias. Ele enxerga as reações das pessoas para com os modificados mais como curiosidade do que como ofensa e que nessas situações de constrangimento não se importa muito como já se importou um dia. Aponta também que no bairro onde mora e tem o estúdio, sempre foi muito respeitado que seu meio de convivência se restringiu a pessoas adeptas das modificações, evitando assim, algumas formas de contato com pessoas que poderiam o colocar em situações constrangedoras. Estando em um espaço onde se compartilham das mesmas percepções e da mesma estética se sente livre das situações incomodas.

Com relação a possível ressignificação da *bod mod* para a categoria diabo ele salienta que não enxerga exatamente dessa forma pois:

> *Du: A estética pode até ser (considerada) do diabo mas, ninguém nunca viu o diabo, não sabe como ele é.*

Da maneira como enxerga, a associação feita pelas pessoas sobre os corpos modificados, está estritamente ligada a maneira como a sociedade introjeta o imaginário diabólico reproduzido pela mídia e outros meios sociais de comunicação e, não exatamente, fica a cargo da *bod mod* dar uma nova significação a essa imagem, mas sim as sensações referente a forma *encapetada* que as modificações, no caso aqui principalmente as suspensões, são lidas pelas pessoas que fazem parte do grupo Diabos Mutantes. O diabo aqui está mais relacionado a performance e as sensações produzidas pelas modificações do que a estética em si.

---

mas também acha essencial que um suspender já tenha se suspendido. Em todos os discursos dos interlocutores me pareceu claro que a experiência corporal é fundamental para possuir um conhecimento pleno sobre as técnicas e produzir uma certa propriedade para se falar sobre.

6. Considerações Finais

Como um fato estritamente social, a religião fixou categorias que funcionam nos mecanismos de estruturação da vida social e na maneira como os indivíduos pensam a sociedade e interagem dentro dela funcionando como um sistema de representações coletivas que exercem grande influência da vida dos indivíduos. Mesmo aqueles que se dizem não ser religiosos, por terem sido estruturados e reconhecidos dentro de um sistema de categorias e conceitos religiosos acabam por reproduzir determinados imaginários e várias representações construídas nela. Dentre elas está o diabo, um ser que representada toda a oposição ao cristianismo e para os modificados, uma oposição a toda forma de poder institucionalizado.

A figura do diabo construída historicamente a partir de uma compilação de tudo que o cristianismo se opunha ou colonizava representa uma oposição fundamental as normas sociais e, a partir do momento que foi construído o seu imaginário podemos observar uma proliferação de discursos que o mobilizam sempre no espectro de representar tudo aquilo que não somos. O diabo é uma representação do outro, do ser não colonizado, que não segue os padrões normativos da sociedade seja em qual for a instancia da vida. Sua corporalidade foi tão bem estruturada e reproduzida por todos os meios de comunicação e imagem que qualquer pessoa ao pensar no diabo tem uma figura exata em sua imaginação, uma figura que pode mudar em algumas pequenas características mas que no geral se baseiam em uma mesma imagem.

Ao se deparar com um corpo modificado, o senso comum tende a associa-lo a essa imagem diabólica construída socialmente, e mesmo sem ninguém nunca ter visto em materialidade sua figura parece-nos que a modificação corporal não convencional mobiliza essa imagem fixando-a nesse corpo. Inúmeras são as situações vivencias pelos adeptos das práticas das modificações corporais abordadas nesse trabalho, mas um constrangimento todos tem em comum, já foram xingados, ofendidos e associados publicamente à imagem do diabo, algumas pessoas querem os converter, outras fazem sinais da cruz como uma maneira de afastar o suposto mal que o corpo modificado traz em si e, todas essas situações me parecem demonstrar como ainda após mil anos da construção de um imaginário corporal não normativo e mesmo nos grandes centros industrializados sua imagem ainda é invocada de maneira a trazer à tona todos os preconceitos sociais, corporais e estéticos. Uma aparência não hegemônica, um padrão de beleza distinto do vendido e consumido pela massa faz com que a grande maioria das pessoas mobilizem em seus discursos as categorias e a imaginação religiosa cristã. Basta fazer uma busca por notícias sobre eventos de modificação corporal ou sobre pessoas modificadas que é nítido em todos os

comentários que a associação não é apenas sentida por quem se modifica, mas pode ser observada em toda a rede.

Em um primeiro momento, no da associação, a categoria do diabo aparece repleta de significações de cunho pejorativo, negativo e que tem por finalidade estigmatizar corpos e práticas além de, reforçar a forma como a sociedade lida com o corpo e as normas convencionais sobre o que belo, agradável e o que deve ser objeto de desejo. As práticas de modificação corporal ao imprimirem no corpo marcas até então submersas da imaginação e nas simbologias sobre o que é fantástico e não humano, imprimem conjuntamente códigos que não podem ser lidos e compreendidos a não ser pelo indivíduo que se modificou pois, tudo aquilo que é simbólico pressupõe que uma parte de seu real significado, do seu sentido e de sua ideia não pertencem a uma conjunção de códigos que são completamente decifrados. A *body modification*, faz com que seus adeptos substituam uma linguagem oral – que é coletiva, por uma linguagem visual compostas por símbolos de cunho pessoal formado pela associação inconsciente que o modificado estabelece entre uma forma, desenho, sentimentos e sensações que sua vivencia pessoal proporcionou. O real significado dessa associação só pode ser totalmente conhecido por quem a possui.

> A linguagem das marcas corporais coloca em questão valores de uma sociedade que, para manter o padrão estético que ela determinou como ideal, aceita e incentiva algumas formas de manipulação corporal, independentemente dos prejuízos que possam vir a causar à saúde e do possível desprazer que ao executa-las os indivíduos possam sentir. (PIRES, 2005:167)

Ao incentivar inúmeras praticas para manter o padrão estético consumido e vendido socialmente a indústria da beleza e a tirania da estética acabam por nunca problematizar os perigos que essas modificações convencionais tendem a produzir no individuo tanto física quanto mentalmente. O que é mais curioso é o fato de que além do estranhamento que as pessoas demonstram às interferências corporais produzidas pelos adeptos da *body modification*, o discurso de que “faz mal à saúde” e de que é uma violência quanto o próprio corpo é muito recorrente. Segundo os interlocutores, além de transcender ao próprio corpo e as normatividades da vida social as modificações corporais incitam nas demais pessoas sentimentos controversos que os fazem pensar sobre sua própria corporalidade e sobre a própria humanidade. As modificações ao estarem no corpo e ficarem de forma exposta para quem direciona o olhar à ele, faz com que este assuma um caráter público ao atingir uma grande parcela de pessoas. Ao romper com sua própria pele rompe-se com os grandes edifícios institucionalizados. O corpo modificado é poder nesse sentido.

Os adeptos das modificações não dão apenas novos significados a maneira como como a sociedade se relaciona com o próprio corpo mas também a categoria do diabo que, para eles representa a forma opressora e impositiva de como o cristianismo delimitou e normatizou inúmeras instancias da vida, dentre ela o corpo e maneira como as pessoas devem intervir nele ou não. Como um representante da liberdade e da livre iniciativa o diabo para os interlocutores dessa pesquisa traz em sua corporalidade as possibilidades de conhecimento e superação de cada indivíduo, é um ser que é ocultado pela sociedade pois pode trazer à tona percepções que acabariam por destruir os imperativos normativos que a nossa sociedade alimenta. Ser modificado proporciona a seus adeptos a sensação de estar livre de uma dos maiores objetos ao qual se despeja os poderes e as normas sociais – o corpo, modificando-se é possível transcender a si mesmo e aos limites impostos pela sociedade. O diabo no corpo modificado é o ser livre, que está sempre preparado para novas experiências corporais, para novas adrenalinas produzindo ainda mais conhecimento sobre si, sobre nós e sobre a sociedade.

> A *body modification* possibilita ao indivíduo tornar-se diferente de todos e de si mesmo. Tornar-se imagem. Corpo\imagem inconstante, capaz de agregar gêneros, etnias, espécies, tempos e culturas. Corpo – carne\objeto – mutante, na qual a condição de *ser* dá lugar à condição de *estar*. (PIRES, 2005:173)

Com esse mecanismo de ressignificação a categoria do diabo funciona de forma positiva e oposta a imbuída pelo pensamento cristão e mantida pela sociedade, ser um diabo mutante, segundo eles próprios, os proporcionam uma condição constante de aprendizado, de mutação e de superação de todos os limites de seus corpos e das normas impostas socialmente. Contudo, mesmo transcendendo ao seus próprios corpos e as categorias pejorativas imprimidas neles, as modificações corporais não lidam somente com as categorias e imposições religiosas mas, também, com todo um constructo médico e jurídico que reforçam uma possível marginalidade e ilegalidade dessas práticas. Um conjunto de normas sociais fixam nesses corpos e nessas práticas um caráter maligno, não humano e que desapossa de seus praticantes o poder que as modificações podem proporcionar revertendo-se em mudanças sociais. O próximo objeto de análise para melhor compreendermos como esse conjunto interage, será o de analisar como funciona o mecanismo médico e jurídico que pretende centralizar em todos os corpos suas instâncias de poder, disciplina e manipulação e isso será investigado e relatado na continuação desse trabalho que se realizará em pesquisa de mestrado. Muitas questões puderam ser levantadas a partir desses corpos modificados. Mesmo sem conseguir dar conta de finalizar um problema sociológico inteiro com certeza o essencial dessa pesquisa foi proporcionar uma ponte para fortalecer a discussão sobre o corpo e sobre nós.

7. Apêndice

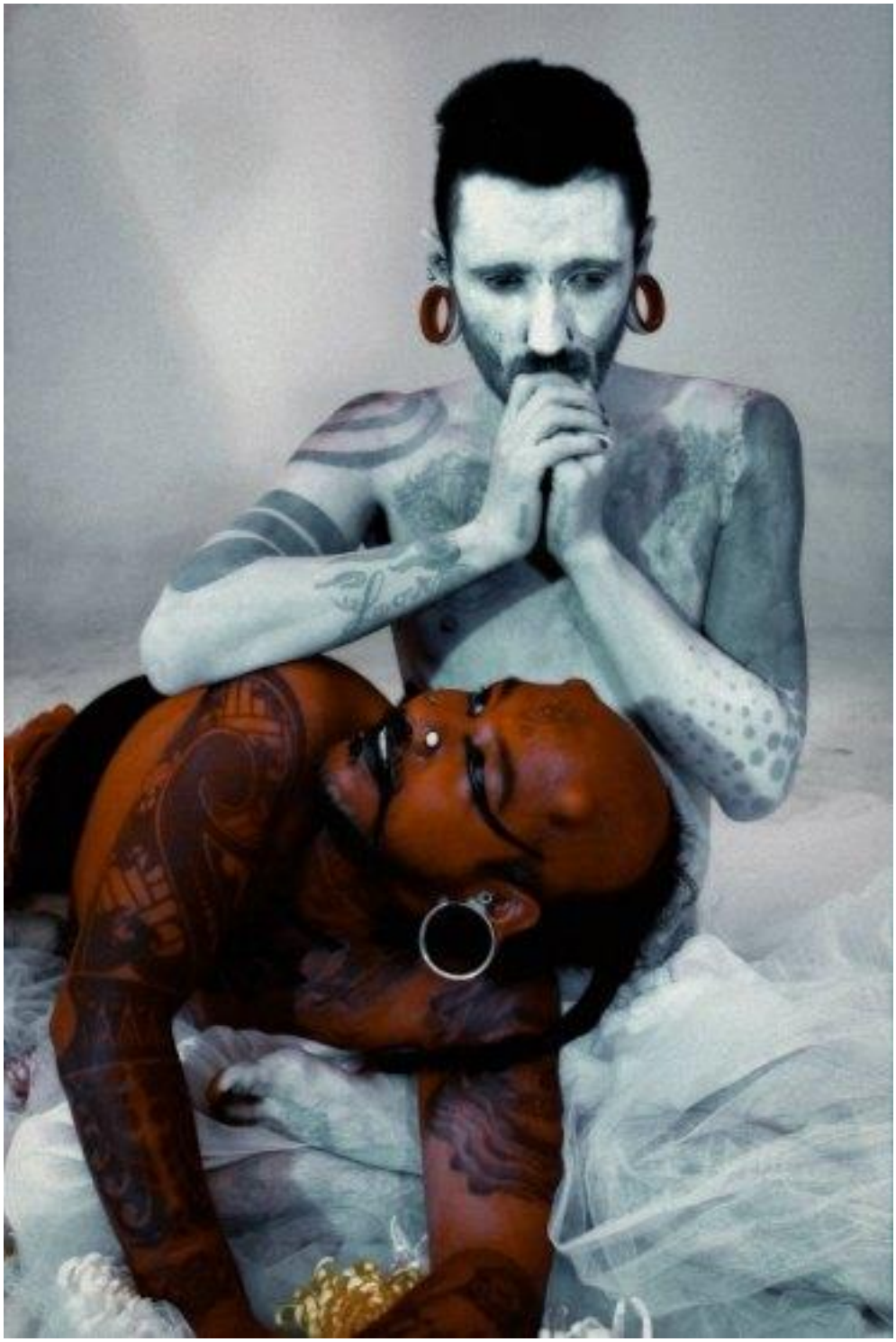
8.1 Imagens de modificações cedidas pelos interlocutores dessa pesquisa

Du realizando procedimento de perfuração para suspender Karine Guimarães. Foto de acervo pessoal Diabos Mutantes.

Karine Guimarães em apresentação dos Diabos Mutantes na Freak Tatto em Buenos Aires. Imagem do arquivo pessoal de Karine.

Du suspendendo Victor Peralta na Tatto Experience. Foto do arquivo pessoal Diabos Mutantes.

Karine Guimarães com moletom da equipe Diabos Mutantes. Foto do acervo pessoal de Karine Guimarães



Ensaio Fissuras (2013), T Angel e Alexandre Anami representando um anjo e um diabo. Foto do acervo pessoal de T Angel

8.2 Abordagens da mídia sobre o assunto e os comentários dos internautas.

Segue como anexo do trabalho algumas notícias e seus respectivos comentários em sites de grande alcance que abordaram alguns temas de modificação corporal sempre em um viés divergente da dos modificados. Espero poder exemplificar como funciona esse mecanismo do discurso que vê o diabo em alguns corpos e imprimem sentimentos angustiantes e ilegais a essas práticas.

Reportagem 1.

05/09/2013 10h50 Atualizado em 05/09/2013 13h22

'A intenção era chocar', diz mulher ao tatuar olhos de preto como o marido

Body piercing de São Carlos aplicou método conhecido como 'eyeball tattoo'. Procedimento invasivo pode causar inflamação interna, dizem especialistas.

Fabio Rodrigues
Do G1 São Carlos e Araraquara

FACEBOOK

Nessa reportagem é reforçado a possibilidade das pessoas se modificarem para “chocar” a sociedade.

[redacted]
HÁ 3 ANOS
tem que dar porrada neste doentes! Gente que não se gosta, sadomasoquista, etc quer ser diferente? Ridículo!
2 0

[redacted]
HÁ 3 ANOS
Assistem muito supernatural..sauhshauhusahusauh
0 0

[redacted]
HÁ 3 ANOS
é vc Satanás???? credo q coisa feia!!!!!
3 0

[redacted]
HÁ 3 ANOS
Bizarro! Pagaram para se tornarem aberrações, mas tem gosto pra tudo, né....
1 0

Comentários referentes a reportagem 1.

Reportagem 2.

'Sinto dor só de lembrar', diz jovem que retirou chifres de silicone da testa

Bruno Siqueira, de 18 anos, trabalha como tatuador em Guarapuava, no PR. Ele conta que retirou os chifres porque sentia dores de cabeça e tonturas.

Alana Fonseca
Do G1 PR, em Guarapuava

FACEBOOK

Nessa reportagem percebemos o discurso do desconforto para a própria pessoa que se modifica e o caráter relacionado a dor que é massivamente encontrado nesse tipo de notícia.

[redacted]
HÁ 2 ANOS

que sonho seu louco?kkkkk sonho de virar demonio é? kkkk isso é pesadelo ou ilusão!!!

3 0

[redacted]
HÁ 2 ANOS

ja falei amigo se é para aparecer entao que use uma melancia pendurada no pescoço é bem mais fácil de tirar mano!!

6 2

[redacted]
HÁ 2 ANOS

Pobre alma dominada pelo demônio...

9 5

[redacted]
HÁ 2 ANOS

Doente!

61 14

[redacted]
HÁ 2 ANOS

Sim! Mentalmente e fisicamente.

Comentários referentes a reportagem 2

Reportagem 3

Homem com olho tatuado de azul e língua de cobra é atração em Guarujá

3ª Convenção de Tatuagem Arte na Alma acontece neste fim de semana. Profissionais trazem as novidades do setor e participam de competições.

Mariane Rossi
Do G1 Santos

FACEBOOK

[redacted]

HÁ 3 ANOS

Ter o desejo de ter uma tatuagem acho ate normal mas isso !!! já é aberração , sem contar que pode ficar cego , varios médicos oftamologistas ja alertaram,É o que acho sem julgar ninguém , pois o corpo petence a ele.

3 0

[redacted]

HÁ 3 ANOS

SANGUE DE JESUS TEM PODER! mas o do tio Lú tem mais ainda! hohoho

0 4

[redacted]

HÁ 3 ANOS

Esse mundo está infestado de débeis mentais mesmo. É uma pena...

12 11

Comentários referentes a reportagem 3

Reportagem 4

Feira para fãs de tatuagens em SP traz recordista de implantes no corpo

Victor Peralta tem tatuagens e implantes na cabeça e pelo corpo. Evento traz ainda tatuagem surpresa para os visitantes.

Do G1 São Paulo

FACEBOOK

[redacted]

HÁ UM MÊS

São pessoas com visual diabólicos, eu tremeria de medo de conviver com tais pessoas, falta de espiritualidade nessas pessoas ou é espiritualidade demais, parece querer se aproximar da imagem de um anjo caído. Que o Deus que criou todas as coisas me proteja dessas obsessões.

8 4

[redacted]

HÁ UM MÊS

Satanás é vc?

24 5

[redacted]

HÁ UM MÊS

Engraçado os comentários sobre a aparência dessas pessoas comparando as com o diabo,quem disse que ele é feio assim? Pelo menos na bíblia diz que ele era um anjo e se rebelou,não diz que ficou feio.Nada no universo se compara com esses loucos aí.

28 6

[redacted]

HÁ UM MÊS

Até o demônio queria ser bonito assim

3 6

Comentários referentes a reportagem 4

8. Referências Bibliográficas

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Além da pele**: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo. 2006. 188 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa** (O sistema totêmico na Austrália). Introdução e Conclusão. 2ª ed. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo, Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996. (Trad. Laura Fraga de Almeida)

LINK, Luther. **O Diabo**: máscara sem rosto. São Paulo: Companhia das Letras, 1998).

MUCHEMBLED, Robert. **Uma história do diabo** – séculos XII-XX. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NOGUEIRA, Carlos Alberto F. **O diabo no imaginário cristão**. 2. ed. Bauru: Edusc, 2002.

PÉREZ**,** A. L. **A identidade à flor de pele**: Etnografía da prática da tatuagem na contemporaneidade. Mana (UFRJ. Impresso), v. 12, p. 179-206, 2006.

OLIVA, Alfredo dos Santos. **A História do Diabo no Brasil.** São Paulo: Fonte Editorial Ltda. 2007.

PIRES, Beatriz F. **O corpo como suporte da arte**: piercing – implantes – escarificação - tatuagem. São Paulo: Senac, 2005.

_____. **Corpo Inciso, Vazado, Transmutado**. Inscrições e temporalidades. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.